

SARA HENRIQUES DOS REIS
FLUL - Uniarq
sarahenriquesreis@gmail.com

EPIGRAFIA FUNERÁRIA NA *HISPANIA ROMANA*:
UMA REVISÃO À PRÁTICA DA *INDICATIO PEDATURAE*
NOS *TITULI SEPULCRALES*¹

FUNERARY EPIGRAPHY IN ROMAN HISPANIA:
A REVIEW OF THE PRACTICE OF *INDICATIO PEDATURAE*
IN THE *TITULI SEPULCRALES*

“Conimbriga” LVII (2018) p. 97-138

https://doi.org/10.14195/1647-8657_57_3

RESUMO: O presente artigo desenvolve-se em torno de uma revisão crítica a c. 160 epitáfios que utilizam um conjunto de *formulae pedaturae* que se referem às *loci mensurae sepulcri*, i.e, às medidas do recinto funerário. O *corpus inscriptionum* reunido permitiu constatar que este fenómeno constituiu uma idiossincrasia das necrópoles da Hispânia meridional, concentrando-se em três importantes unidades administrativas: os *conventus Astigitanus*, *Cordubensis* e *Emeritensis*, analisados numa tentativa de se relacionarem os dados provenientes do contexto epigráfico com os do contexto arqueológico, de modo a melhor se compreenderem possíveis associações entre os modelos utilizados, as crenças que os sustentavam e as classes sociais que os adoptaram. Pretendeu-se ademais estabelecer uma relação entre os módulos de sepultura

¹ Artigo baseado na comunicação “Campos Sepulcrales en la Hispania Romana: una revisión al estudio de las mensurae loci sepulcri” apresentada nas *III Jornadas Predoctorales en Estudios de la Antigüedad y de la Edad Media* (23-25 de Novembro 2016), Universidad Autonoma de Barcelona.

(rectangular e quadrangular), o perfil social do defunto e o fenómeno de *imitatio Urbis*.

PALAVRAS-CHAVE: Necrópoles hispânicas, topografia funerária, *tituli sepulcrales*, *formulae pedaturae*, *loci mensurae sepulcri*.

ABSTRACT: The present article revolves around a critical revision of 160 epitaphs that use a set of *formulae pedaturae* referring to the *loci mensurae sepulcri*, that is, the measures of the burial sites. The *corpus inscriptionum* showed that this phenomenon constitutes an idiosyncrasy of the necropolis of southern Hispania, assembled on three important administrative units: the *conventus Astigitanus*, *Cordubensis* e *Emeritensis*, analyzed in an attempt to relate the data of the epigraphic sources with those from the archaeological context, for a better understanding of the possible connections between the models used, the beliefs implied and the social classes that adopted them. It was also intended to establish a relationship between the burial modules (rectangular and quadrangular), the social profile of the deceased and the phenomenon of *imitatio Urbis*.

KEYWORDS: Hispanic necropolis, funerary topography, *tituli sepulcrales*, *formulae pedaturae*, *loci mensurae sepulcri*.

EPIGRAFIA FUNERÁRIA NA *HISPANIA ROMANA*: UMA REVISÃO À PRÁTICA DA *INDICATIO PEDATURAE* NOS *TITULI SEPULCRALES*

1. Uma introdução à prática da *indicatio pedaturae*

“ (...) a separar lo sagrado de lo profano, a distinguir lo privado de lo público, dotándolo al tiempo de garantías jurídicas y convirtiendo el *locus sepulturae* en testimonio imperecedero de memoria”.

(VAQUERIZO E SÁNCHEZ, 2008: 101)

Em época romana, o contexto funerário pressupunha 1) um sepulcro, usualmente acompanhado de espólio funerário; 2) um suporte epigráfico, onde se recordaria o defunto para a eternidade; 3) e um ritual de enterramento. Assim, quem dispunha de meios abastados faria construir um túmulo monumental que garantiria a legitimação da *nobilitas* individual e do prestígio familiar².

O mundo dos mortos constituiu então um dos melhores mecanismos para se evocar o mundo dos vivos, na medida em que se materializou no cenário ideal para propaganda e autorepresentação das elites urbanas. Os grandes *monumenta* funerários, reflexo das manifestações de *luxuria privata* empreendidas pelos notáveis municipais, rivalizavam assim em tamanho, riqueza (materiais de construção e respectivos *ornamenta*) e localização topográfica (sector funerário; proximidade à via; etc.) (VAQUERIZO e SÁNCHEZ, 2008: 119; VAQUERIZO, 2010: 106).

No presente artigo pretende-se analisar, através de uma abordagem epigráfica, os *termini sepulcrales* com indicação das *mensurae*

² Vejam-se as inscrições n.ºs 3432 e 3528 onde se destaca o estatuto familiar de elite.

loci sepulcri no que toca à sua distribuição cronológica e geográfica, léxico e formulário, dimensões e módulos utilizados, perfil social e estatuto jurídico dos respectivos proprietários e difusão desta prática em âmbito hispânico.

A prática da *definitio pedatura* constitui em fenómeno epigráfico sobre o qual se têm debruçado, nas últimas três décadas, inúmeros investigadores. Para a *Hispania* cabe destacar RODRÍGUEZ NEILA (1983, 1991 e 1992), D. VAQUERIZO (2001a; 2001b, 2002, 2008, 2010) ou ainda o trabalho de LÓPEZ MELERO e STYLOW (1995). Todavia, hoje, resultado da identificação regular de novos *tituli sepulcrales*, o crescente número de testemunhos - c. de 160 -, contrasta com os 94 compilados por RODRÍGUEZ NEILA (1991).

A inscrição das medidas do recinto funerário no epitáfio ocorreria no intuito de se delimitarem, simultaneamente *in situ* e de forma pública, as dimensões exactas do *locus sepulturae* de modo a assegurar a preservação do mesmo enquanto *locus religiosus* (Cic., *De leg.* II, XXII, 57; Ul., *Dig.* XI, VII, 2, 4-5) e *domus aeterna* (CIL VI 10096). Com esta prática pretendia-se ademais invocar o direito de propriedade, tendo em conta que o fenómeno da *violatio sepulcri*, comprovado pelas fontes e vestígios arqueológicos³, fora uma realidade frequente que exigiu constante vigilância por parte das autoridades públicas (RODRÍGUEZ NEILA, 1991: 59; VAQUERIZO e SÁNCHEZ, 2008: 111).

Neste contexto, os *loca sepulcrales* seriam regulados pelas *leges municipales*, como testemunha a *Lex Irnitana* (cap. LXXVI) na qual se encontram identificados os magistrados – *aediles*⁴ –, que supervisionavam os terrenos funerários (MELCHOR, 2006: 119). Enquanto a divisão propriamente dita de parcelas regulares de terreno público para a construção de sepulcros seria fixada por *agrimensores*⁵ (VAQUERIZO, 2001a:

³ Uma das medidas posta em prática para evitar a violação de túmulos consistiu na perfuração das moedas destinadas a pagar a Caronte, tornando-as assim inutilizáveis como valor de mercado, visível na necrópole ocidental de *Astigi*, calle Bellidos (Écija, Sevilla) (Vaquerizo, 2010: 64).

⁴ Ademais, destaque-se o papel do senado municipal na planificação racionalizada e estandardizada da paisagem sepulcral nomeadamente no que toca à estruturação da distribuição topográfica dos túmulos nas áreas de necrópole (Vaquerizo, 2010: 114-115).

⁵ Destaque-se, neste âmbito, o epitáfio do *agrimensor Q. Iulius Rufus* (930), que contou com um recinto de 120 pés em *Corduba*.

172); aos edis caberia proceder à distribuição de ditas parcelas, vendidas a privados (*Dig.* 17.2.52.7) ou doadas a beneméritos (VAQUERIZO, 2002: 170, nota 56; VAQUERIZO e SÁNCHEZ, 2008: 123) e, como vimos, a respectiva vigilância dos espaços funerários, visando a integridade das sepulturas (RODRÍGUEZ NEILA, 1991, 59; VAQUERIZO, 2010: 280).

É plausível concluir pois que, certamente, as dinâmicas decorridas em torno do mundo funerário permitiram o estabelecimento nos centros urbanos de uma complexa teia de relações políticas e económicas, na qual “el uso funerario de la *pedatura* sobrepasa, pues, lo estrictamente personal para alcanzar la esfera de la política municipal” (SÁNCHEZ e VAQUERIZO, 2002: 341).

2. Considerações em torno da cronologia

No que toca aos aspectos cronológicos, a prática da *indicatio pedaturae* remete para Roma republicana de finais do séc. II a.C., encontrando-se documentada tanto nas evidências arqueológicas como nas fontes literárias (SÁNCHEZ MADRID e VAQUERIZO, 2002: 331-33). Para o segundo caso vejam-se concretamente as passagens de Cícero (*Phil.*, IX, 7, 17) que refere um *locus sepulturae* de 30 pés quadrados⁶; de Horácio (*Sat.*, I, 8, 12-13) que alude a uma área de 1000 x 300 pés na necrópole de Esquilino; ou de Petrónio (*Satyr.*, 71) que descreve o monumento sepulcral de Trimalção com 100 x 200 pés.

A partir da 2ª metade do séc. I a.C. começa a observar-se a rápida difusão deste fenómeno pelas regiões central e setentrional da Península Itálica alcançando, no final do século, as províncias ocidentais da *Gallia Narbonensis* e da *Hispania Ulterior* (STYLOW, 1995: 227; VAQUERIZO, 2002: 171).

Na *Hispania*, o número de casos seguramente identificados verifica uma delimitação cronológica bem definida, compreendida entre os sécs. I e II d.C., tendo como duração total pouco mais de uma centúria entre a sua eclosão na *Baetica*, nos inícios do principado de Augusto, coincidindo com a própria difusão do ‘*epigraphic habit*’, e o seu de-

⁶ (...) *Ser. Sulpici Q. f. Lemonia Rufi funeri remittere; utique locum sepulcro in campo Esquilino C. Pansa cônsul, seu quo in loco videbitur, pedes triginta quoquo versus adsignet* (...) (Cic. *Phil.*, IX, 7, 17).

clínio no decorrer do séc. II d.C. (VAQUERIZO e SÁNCHEZ, 2008: 126).

Estabeleceram-se então, como *terminus post quem*, os *tituli sepulcrales* nos quais, juntamente com a *indicatio pedaturae*, são invocados os *D(is) M(anibus)*⁷, fórmula funerária que se havia generalizado na *Hispania* a partir do séc. II d.C. (SÁNCHEZ e VAQUERIZO, 2002: 335; VAQUERIZO e SÁNCHEZ, 2008: 119; VAQUERIZO, 2010: 56). A sua introdução, concretamente no período de declínio deste fenómeno, não corresponderá a mera coincidência: em época de intensa violação de sepulcros⁸ pretendia-se, mediante esta consagração, aumentar a proteção dos espaços funerários (STYLOW, 1995: 227-228; *idem*, 2002: 361).

Testemunhos desta realidade são as referências a multas funerárias, penalidade que surge bem documentada em Roma e nas cidades da Ásia Menor, mas também na *Britannia*, *Germania Superior* ou *Numidia* (LÓPEZ MELERO e STYLOW, 1995: 231). Na *Hispania*, destaque-se o epitáfio de *Fabia Albana* (2161)⁹, proprietária de um recinto de 50 pés quadrados, identificado nos arredores de *Sosontigi*, Alcaudete (Jaén), cujo *titulus sepulcralis* contém uma intimidação sob a forma de pena pecuniária *hunc locum violandum qui putaverit reip(ublicae) Aiungitanorum solvet HSXX (milia) [n(ummum)]*, multa de 20.000 sestércios para o caso de *violatio* do *locus sepulturae*, tendo como beneficiário o *municipium* (LÓPEZ MELERO e STYLOW 1995, 233 ss.).

Outro testemunho do *conventus Tarraconensis* refere as *mensurae* de um *hortus* funerário cujo proprietário estabelece uma multa de quantia desconhecida no caso de venda ou alienação do monumento. Considera-se pois, neste panorama, que o tipo de expressões utilizadas

⁷ Foram identificados 8 casos com esta consagração: n.ºs 1939; 2005; 2026; 2158; 5272; 7493; 18766; 23257.

⁸ Para mais informações acerca da reutilização nos sécs. II-III d.C. dos sectores funerários de *Astigi*, amortização, mudança de funcionalidade e ocupação de novos espaços para necrópole, vide (VAQUERIZO, 2010: 57e ss e 319); para *Corduba* (MOLINA EXPÓSITO e SÁNCHEZ ROMAS, 2002-2003: 363 e 368-371; VARGAS CANTOS e GUTIÉRREZ DEZA, 2004: 309-311; VAQUERIZO, 2010: 107 e 125), e ainda acerca da grande necrópole setentrional tardo-romana (séc. IV/V) (SÁNCHEZ RAMOS, 2001: 79 e 90-94); para *Emerita*, acerca da zona de necrópole no sector Norte, articulado em torno da via da Prata (AYERBE VÉLEZ e MÁRQUEZ PÉREZ, 1996: 146-147; BEJARANO OSORIO, 1996: 46 e ss; RODRÍGUEZ HIDALGO, 2007: 93-100).

⁹ A numeração adoptada prende-se com o respectivo n.º de registo na base de dados Hispania Epigraphica Online. Vide Anexo A Tabela 1 para correspondência bibliográfica.

como *hoc monumentum heredem non sequetur* (13353) adoptam aqui a forma de maldições, reflectindo um contexto de desconfiança nas garantias jurídicas que levou à necessidade se de complementarem não só com invocações à intervenção de forças divinas, os Deuses Manes, mas também de forças infernais¹⁰.

O declínio e desaparecimento desta realidade levanta assim uma série de questões, concretamente se com ele teria desaparecido também a preocupação em garantir a integridade do sepulcro e a memória pessoal? Ou se este se relacionaria antes com uma mudança nos modelos epigráficos, fruto da evolução de modas locais, e/ou nos modelos de representação pública? Verifica-se então a necessidade urgente de uma revisão ao tema da *indicatio pedaturae* no intuito de melhor se compreender a sua difusão pelas províncias hispânicas e o seu desaparecimento do registo epigráfico.

3. Considerações em torno da distribuição geográfica

Não obstante o facto de esta prática ser documentada por toda a *Hispania*, a sua distribuição não é de todo uniforme. As referências epigráficas às *mensurae loci sepulturae* predominam nas regiões onde a romanização constituiu um processo intenso, precoce e fortemente enraizado, resultando especialmente numerosas na área meridional da província¹¹. Este parece ter sido então um fenómeno característico das cidades da *Baetica*, sobretudo da metade setentrional do *conventus Astigitanus* e da meridional do *conventus Cordubensis*, localizando-se a maior e mais antiga concentração de testemunhos nas capitais conventuais, *Astigi e Corduba* (VAQUERIZO, 2002: 169).

Neste âmbito, um dos aspetos mais significativos do mundo funerário do *c. Astigitanus* consiste na concentração de cerca de metade do total de casos hispânicos com a *indicatio pedaturae* (c. de 77 casos, 48,13%), procedendo mais de metade destes testemunhos da própria capital, recuperados maioritariamente na necrópole ocidental, próxima da via Augusta, por onde seria abandonada a cidade em direcção a *Carmo e Hispalis*. Esta área apresenta uma ocupação funerária muito

¹⁰ Note-se o epitáfio n° 25038 consagrado aos *D(iis) M(anibus) I(nferis)*.

¹¹ Vide Anexo B, gráficos 1 e 2.

densa, em parte justificável por constituir uma zona inundável, propícia à sobreposição de enterramentos e, por conseguinte, dispendo de uma ampla cronologia dentro da qual estes epitáfios incidem no séc. I d.C., coincidindo com a fundação da própria cidade (VAQUERIZO, 2010: 52). Os restantes testemunhos identificados no *c. Astigitanus* procedem de cidades próximas, como a colónia *Tucci* e respectivo *ager*, ou o *municipium Sosontigi* (VAQUERIZO e SÁNCHEZ, 2008: 103).

A Lusitânia, concretamente a área de influência do *c. Emeritensis*, corresponde ao segundo maior núcleo destes *termini* (c. 35 casos; 21,88%), concentrando-se a maioria dos testemunhos na capital *Augusta Emerita* (cfr. LÓPEZ MELERO e STYLOW 1995, 227-228; STYLOW, 2002: 354; VAQUERIZO 2002b, 171; VAQUERIZO e SÁNCHEZ, 2008: 103).

Por sua vez, o *c. Cordubensis* ocupa o terceiro lugar (17 casos; 10,63%) concentrando na capital *Colonia Patricia Corduba* mais de metade dos testemunhos. Destaca-se de imediato a grande disparidade no número de casos atestados entre as duas capitais conventuais, *Corduba* e *Astigi*, geograficamente tão próximas e partilhando da mesma necessidade de espaço, apontando-se como possível causa as modas locais associadas à proveniência dos seus colonos e comerciantes (VAQUERIZO e SÁNCHEZ, 2008: 103; RUIZ OSUNA, 2009: 85).

Já no *c. Carthaginiensis* (12 casos; 7,50%) destaca-se o facto de dois terços dos testemunhos identificados procederem de territórios próximos da fronteira com a *Baetica* oriental, de onde haviam pertencido antes da sua anexação à Citerior¹² e, por conseguinte, de onde terão absorvido esta prática (SÁNCHEZ e VAQUERIZO, 2002: 334). Note-se que, se durante muito tempo prevaleceu a ideia de escassa representação da *indicatio pedaturae* na *Hispania Citerior*, hoje tal panorama deverá ser reavaliado com base nas recentes novidades arqueológicas provenientes de *Segobriga*, que modificaram de forma determinante esta perspectiva.

Numa recente escavação na necrópole noroeste de *Segoloria* (ABASCAL *et alii* 2008), sob o circo, fora documentada uma *via sepulcralis* delimitada por recintos assinalados com cipos, entre os quais, quatro contendo a indicação da *pedatura*. Estes espaços funerários refletem uma planificação prévia, organizando o terreno extramuros, que

¹² Esta perspectiva parece encontrar confirmação numa inscrição de *Carthago Nova* onde ressalta a *origo* bética do defunto (STYLOW, 2002a, 354, n°156).

encontra correspondência exacta com os valores epigráficos. Não obstante ser já conhecido outro exemplo na cidade (9150), a importância das últimas descobertas reside na nova avaliação acerca da dispersão geográfica desta prática na *Citerior* e dos seus meios de introdução no interior da Meseta, tendo vindo a apontar-se para o comércio como um desses meios (*apud* VAQUERIZO e SÁNCHEZ, 2008: 103).

Por sua vez, com decrescente representação seguem-se os *conventus Hispanensis*¹³ (7 casos; 4,38%); *Gaditanus* (6 casos, 3,75%); *Tarraconensis* (2 casos; 1,26%) correspondendo aos testemunhos mais setentrionais da intrusão desta prática¹⁴; e, somente com um caso, os *conventus Scallabitanus* (0,63%), procedente de *Olisipo*; *Asturum* (0,63%), procedente de Léon; e *Caesaraugustanus* (0,63%) de procedência desconhecida.

3.1. Tipologia dos suportes e distribuição topográfica das inscrições

Como vimos nos capítulos anteriores, a integridade de um *locus* dependia fundamentalmente de uma explicitação rigorosa dos seus limites, usualmente conseguida mediante a sua gravação num suporte pétreo, o qual funcionaria simultaneamente como marco espacial (VAQUERIZO, 2010: 17, 38 e 108). Neste contexto, os cipos e as estelas constituíram as tipologias de suporte mais utilizadas na *Hispania*, coexistindo durante todo o séc. I d.C. Enquanto os primeiros predominaram em *Corduba*, correspondendo sobretudo a grandes blocos paralelepípedicos reflexo do processo de monumentalização arquitectónica das necrópoles da capital provincial; os segundos, concretamente as estelas de topo semi-circular, predominaram em *Astigi* (SÁNCHEZ e VAQUERIZO, 2002: 335; RUIZ OSUNA, 2006, 172; VAQUERIZO e SÁNCHEZ, 2008: 106 e ss).

Todavia, atendendo à frequência da descontextualização com que

¹³ Da cidade de Carmo destaca-se uma inscrição lida por Stylow (2001: 102) como *privatu(m) / p(edes) LV* (CIL II 5414), interpretada como um dos raros casos de *itineraria privata*.

¹⁴ A inscrição refere um sepulcro familiar mandado fazer pelo casal *Oppia Montana* e o liberto *Gnaeus Baebius Eros Chilonianus*. Atente-se à fórmula *hoc monumentum heredem non sequetur* que nega passar qualquer autoridade fiduciária aos herdeiros (13353).

identificaram estas inscrições, somente uma análise ao seu conteúdo textual permitirá deduzir a sua implantação original, concretamente, que as lápides implantadas *in fronte* para a via principal dão testemunho da identificação do proprietário e da dimensão do espaço sepulcral; enquanto as inscrições dispostas *in agro* marcariam exclusivamente os limites do *locus* funerário, ficando originalmente implantadas nas esquinas dos recintos, conformando assim o *locus sepulturae* (RODRÍGUEZ NEILA, 1991, 67; SÁNCHEZ e VAQUERIZO, 2002: 337; RUIZ OSUNA, 2009: 86-88).

Esta disposição encontra-se bem representada na epigrafia funerária de Bolonha onde surgem frequentemente inscrições gémeas (duplas ou triplas). Na Hispânia, o mesmo fenómeno pode ser testemunhado em dois casos provenientes da necrópole oriental de Écija, designadamente os dois *tituli* de *Faustus*, liberto de *Lucius Nonius* (n^{os} 3477 e 3478); e os três *tituli* de *Cornelia Paulla* (n^{os} 3446, 3447 e 3448). Ademais, na necrópole norte de *Corduba* surgiu uma inscrição dupla sob estela que refere o recinto de 12 pés de *M. Cornelius Catullus* (AEspA, 2008, 124); e no sector funerário da Avda. de las Ollerías foram descobertos dois cipos com idêntico *titulus* (*V. I. C. / L. P. XII*), cuja importância radica no facto de terem sido encontrados *in situ* a flanquear a entrada do recinto (RUIZ OSUNA, 2009: 87).

Por outro lado, a referência escrita dos limites¹⁵ do recinto funerário estaria originalmente acompanhada pelos limites físicos do próprio recinto, tais como muros, cercas ou barreiras vegetais. A presença de muros em torno do *locus sepulturae* encontra-se confirmada não só através do registo arqueológico, mas também do epigráfico como atesta uma inscrição de *Corduba* (926) que menciona a rara expressão *a pariete p(edes) X*, remetendo diretamente para a estrutura de delimitação.

Paralelamente, este uso de barreiras físicas a separar o mundo dos vivos do dos mortos poderia, em muitos casos, tornar desnecessária a indicação *in situ* das medidas do *locus*. Assim parece verificar-se na *Colonia Patricia*, onde o reduzido número de inscrições contrasta com a quantidade de dados arqueológicos referentes a recintos funerários.

¹⁵ Por vezes, as próprias inscrições suportariam vigas de madeira de modo a criarem cercas, como sugerem as concavidades de *CIL*, II²/5, 403 (Castro del Río) e *CIL*, II²/5, 705-06 (Íllora) (Stylow, 2002 a, 361, nota 57).

Esta realidade poderá porventura relacionar-se com a sua condição de capital conventual, contrastando com *Astigi* ou com *Emerita*, ambas *caput provinciae* (VAQUERIZO, 2001a: 168-205; *idem*, 2002b, 143-200; RUIZ OSUNA, 2006, 169-173; *idem*, 2007, 56 ss; *idem*, 2009: 84).

No que toca à sua distribuição topográfica no âmbito das áreas de necrópole, a organização das parcelas de terreno funerário era feita no exterior do *pomerion* tendo como elemento director as vias de acesso às cidades, uma vez que seriam estas a garantir a visibilidade dos sepulcros e a alertar o viajante para a leitura do epitáfio. Neste contexto, em torno de autênticas *viae sepulcrales* verificou-se a existência de uma densa topografia funerária, recheada de *monumenta* destinados a servir de mostuário público do estatuto socioeconómico das elites, como reflectem as necrópoles *cordubenses* do “Camino Viejo de Almodóvar” (RUIZ OSUNA, 2005) e Avda. de las Ollerías (LÓPEZ JIMÉNEZ, 2006); ou as necrópoles oriental e ocidental de *Astigi*, que encontram paralelo na *Via Triumphalis* de Roma (RUIZ OSUNA, 2006, 173).

Atendendo a estas circunstâncias, os *loci sepulturae* mais disputados seriam então 1) aqueles que davam acesso directo à via, i.e., a primeira fila de sepulturas; 2) aqueles imediatos às portas da cidade; 3) e/ou aqueles localizados nas vias de maior tráfego, usualmente, aquelas que dariam acesso aos edifícios de espectáculos, ocupando assim uma privilegiada posição topográfica, tendo em conta o movimento de massas que implicava a celebração dos *ludi*.

Destaque-se, neste âmbito, a necrópole oriental de *Emerita* onde foram identificados mausoléus de carácter monumental, nomeadamente columbários da segunda metade do séc. I d.C., ornamentados com retratos privados e estatuária¹⁶ (BARRERA ANTÓN, 1989-1990: 229; MOLANO BRIAS e ALVARADO GONZALO, 1991-1992: 161 e ss; PICADO PÉREZ, 2006: 101-102). A exuberância deste sector deve ser entendida a partir da sua articulação com três grandes vias: uma que seguia para nordeste, passando pelo circo em direcção a *Turgalium* e *Augustobriga*; outra para sudeste, passando pelo anfiteatro, em direcção a *Metellinum*; e ainda uma outra em direcção a *Caesaraugusta*, onde se localiza a “Necrópolis del Albarregas” cujo crescimento fez unir a zona do teatro

¹⁶ Veja-se ademais do c. *Cordubensis* o epitáfio do edil [...] *Cornelius* [...], mandado fazer pela irmã *Cornelia Anus* por disposição testamentária que incluía, como demonstração clara do prestígio familiar, uma estátua equestre sua e outra do seu pai, e uma estátua pedestre da sua mãe (3700).

e anfiteatro com as imediações da zona do circo, onde foram identificados os mais antigos enterramentos datados do séc. I/inícios do séc. II d.C. (MÁRQUEZ PÉREZ, 1998: 539 e ss; NODAR BECERRA, 2002: 131).

Na área em redor do circo fora identificado um raro enterramento de incineração datado do séc. I d.C. que conservava o elemento de sinalização *in situ*. Esta estela de granito permitiu ler parcialmente *Sertoria [...] Hic Sita Est* conferindo, ainda que não contendo a indicação das medidas do recinto, a oportunidade única de se estudar a relação entre *sepulcrum* e *monumentum*¹⁷.

Por outro lado, a sucessão de estruturas monumentais - mausoléus e recintos de enterramento – e a sua disposição em redor da rede viária adjacente ao circo (prolongamento do *decumanus maximus* para *Caesaraugusta* por *Toletum* e para *Corduba* por *Metellinum*) sugere que a construção deste já estaria finalizada no séc. I d.C., mantendo o funcionamento como centro de actividades lúdicas pelo menos até ao séc. IV, quando fora sujeito a restaurações¹⁸ (BEJARANO OSORIO, 2007: 133 e 149-151).

Por sua vez, em *Corduba*, a *via Augusta* caracterizava-se, em termos urbanísticos e ideológicos, pela cenografia monumental símbolo último da capital da *Baetica*. Destacam-se as vias *Corduba-Emerita* que conduzia à capital lusitana, e daí às áreas mineiras do norte; e *Corduba-Hispalis*, dando acesso à zona do anfiteatro (RUIZ OSUNA, 2006, 173) em cujas imediações (área adjacente ao Camino Viejo de Almodóvar) foi identificada uma referência a um *collegium - familia universa* (CIL II2/7, 362) -, que se ocupou da construção do túmulo de alguns dos seus gladiadores¹⁹ (VAQUERIZO, 2010: 136-137).

4. Considerações acerca do formulário e léxico

As *mensurae loci sepulcri* surgem nas inscrições funerárias mediante um amplo e heterogéneo leque de fórmulas cuja função seria,

¹⁷ No depósito funerário abundavam unguentários, espólio usualmente associado a enterramentos infantis femininos ou a mulheres que ainda não detinham o status matrimonial (Márquez Pérez, Sánchez Barrero e Edmondson, 2007: 511-520).

¹⁸ Vide a inscrição AE 1975, 472 que documenta a restauração do circo e a sua habilitação a espectáculos aquáticos por Constantino.

¹⁹ Neste sector funerário contam-se cerca de 14 epitáfios referentes a gladiadores.

à semelhança de um documento jurídico, validar o direito público de propriedade (STYLOW, 2002: 361). No entanto, verifica-se que os formulários utilizados nas inscrições hispânicas, tal como a tipologia dos suportes, consistem numa cópia dos modelos itálicos (VAQUERIZO e SÁNCHEZ, 2008: 112). Podem distinguir-se então, de um modo geral, três modelos para indicar as medidas do recinto (vide Anexo B, gráficos 3 e 4), concretamente, através de:

- 1) duas medidas, em fachada (*in fronte*) e em profundidade (*in agro*), mediante a fórmula “*locus in fronte pedes tot, in agro pedes tot*”, utilizada sob diversas variantes e abreviaturas²⁰. Esta constitui a fórmula mais usual para se expressar a *pedatura* (c. 90 casos; 56,3%), destacando-se um uso quase exclusivo em *Astigi* e grande representação entre os *termini* emeritenses, sugerindo mais uma vez a ideia de uma certa partilha de hábitos epigráficos entre a *Baetica* e a *Lusitania* (Stylow, 2002: 361; Sánchez e Vaquerizo, 2002: 337; Vaquerizo e Sánchez, 2008: 112).
- 2) a referência a *loci* quadrangulares²¹ (c. 41 casos; 25,63%), mediante a fórmula *locus pedum tot*²² (c. 23 casos, 14,4%), a segunda mais utilizada na Hispania, sugerindo tratar-se de uma idiossincrasia do sul da Hispânia, verificando-se maioritária nos *conventus Astigitanus* e *Cordubensis* (Vaquerizo, 2002: 170).

Afigura-se ainda interessante o facto de uma das suas variantes, a fórmula *q(uo)q(uo) v(ersum) l(ocus) p(edum)*, que determina explicitamente as dimensões de uma *area quadrata*, ser identificada em c.

²⁰ Vide as variantes desta fórmula e respectiva dispersão geográfica em Vaquerizo e Sánchez (2008: 112, nota 20).

²¹ Um dos primeiros *termini sepulcrorum* conhecidos é a inscrição de *Servio Sulpicio Galba*, cônsul em Roma em 144 e 108 a.C., na qual surge a *pedatura* do *locus sepulturae*, sob a fórmula *ped(es) quadr(ati) XXX* (CIL VI 31617) (SÁNCHEZ e VAQUERIZO, 2002: 333).

²² Não obstante, note-se no que toca às problemáticas de leitura e desdobramento da abreviatura L. P. em *l(ocus) p(edum)/l(oci) p(edes)*, dado esta não surgir por extenso, que as fórmulas *ex hoc loco usque ad vias publicas monumenti locus est* em CIL II 5919 e *[l. ped]um in fro/[nte] XII in agr/ [x?]XV* em CIL II 5520 (nº 3689), apontaram para que a sigla se desenvolvesse como *l(ocus) p(edum)* (STYLOW, 1984: 293).

8 testemunhos (c. 5%) (SÁNCHEZ e VAQUERIZO, 2002: 338; VAQUERIZO e SÁNCHEZ, 2008: 112), cinco dos quais em território do *c. Astigitanus* (2116, 2161, 2164, 2291, 26440), somente dois no *c. Cordubensis* (426; 4133), e um do *c. Hispalensis* (5272). Estes dados mostram uma clara preferência pelo uso de uma fórmula específica numa determinada área geográfica, certamente resultado de modas locais. Ainda a delimitar uma área quadrada mas definindo-a através das medidas *in fronte/in agro* identificaram-se 10 casos (n^{os} 1102; 3402; 3446 I, II, III; 3529; 3684; 4102; 6142; 13779).

Concluiu-se que o módulo mais utilizado corresponde ao *l(ocus) p(edum) XII*, i.e., um recinto de 12 pés quadrados (9 casos mediante este formulário e mais 5 casos mediante variantes - 8,75%), sendo atestados cerca de metade dos testemunhos no *c. Astigitanus* (7 casos), três testemunhos tanto no *c. Cordubensis* como no *c. Emeritensis*, e apenas um no *c. Hispalensis*.

- 3) No último conjunto integra-se uma série de fórmulas que constituem expressões e variantes excepcionais no formulário, muitas utilizadas em *termini* que remontam ao séc. II d.C., quando esta prática epigráfica já é quase inexistente na *Hispania* (SÁNCHEZ e VAQUERIZO, 2002: 338). A maior variedade destas fórmulas é identificada no *conventus Astigitanus* nomeadamente os casos que fazem referência directa à presença de elementos externos, como *a pariete pedes* (926); (1833); *secundo pariete p(edes)* (24650); ou através da fórmula *hic locus sepulturae habet in fronte pedes / in agro lateribus quattuor quoquo versus pedes* na inscrição de *Fabia Albana* (2161) de *Sosontigi*. Optou-se aqui por uma dupla referência (*lateribus quattuor e quoquo versus*) ao comprimento e largura do recinto (LÓPEZ MELERO e STYLOW, 1995, 227 ss.), sugerindo tratar-se de um perímetro mais complexo que um simples quadrado.

Vejam-se ainda fórmulas que evidenciam pequenas variantes como *l(oci) p(edes) in a(gro) tot latu(s) p(edes) tot* (1939); *in fro(n)te l(atum) p(edes) tot in ag(ro) p(edes)* (2027; 2065; 2066) e *in fr(on)te l(atum) p(edes) tot in agr(o) l(ongum) p(edes) tot* (2066; 26507). Ou ainda fórmulas que mostram uma maior erudição como *L(ocus) funer(alis) (habet) in fronte itineris p(edes) XIII, (in latere) agri p(edes) XVI* (25038)

Em algumas inscrições pode encontrar-se ainda o termo *s(e-mis)/s(emissem)*, que remete para a metade da unidade de medida, i.e., meio pé. Foram identificados 5 testemunhos a registar esta prática²³: um caso no *c. Emeritensis* (21570); dois casos no *c. Astigitanus* (2052 e 3643); um do *c. Carthaginiensis*, (26186), e outro de *Tarraco* (*c. Tarraconensis*) (19578).

Pode concluir-se que estas complexas fórmulas apontam para a existência de plantas de contornos mais complicados que os habituais módulos rectangular ou quadrangular. Deverá, porém, ser tida em conta alguma precaução quando se interpreta a estandardização parcelar dos terrenos funerários como resposta à carência de solo, uma vez que a irregularidade do formulário epigráfico e, conseqüentemente, da planta que descreve poderá ser resultado tanto das condicionantes e adaptações entre espaço disponível vs. visibilidade, como da ausência de controlo público nas medidas dos recintos (RUIZ OSUNA, 2009: 89).

Ainda neste âmbito, afigura-se de interesse assinalar outras fórmulas singulares que refletem a complexa rede jurídica, social, familiar e pessoal que implicava este tipo de práticas. Destaque-se, em primeiro lugar, materializado na expressão *ex testamento*, a explicitação de todos os detalhes relacionados com a reserva do *locus*, manutenção ou disponibilidade de utilização, regulados por disposição testamentária (VAQUERIZO e SÁNCHEZ, 2008: 119). Neste contexto tomem-se como exemplo os casos de *Septimia Severa* (3136), sob a fórmula *testamento poni iussit*; ou *L. Virrius Fidus, militaris leg(ionis) VI* (3528), que estabeleceu em testamento as dimensões de um *locus* para si e para seu pai, *L. Virrius Senecioni* (3529).

A remeter para âmbito da oralidade, dirigindo-se ao viajante, encontram-se expressões como *te rogo praeteriens dicas* (2116), *d(ic) q(ui) l(egis) s(it) t(ibi) t(erra) l(evis)* (3431)/*dicite qui legitis sit vobis terra levis* (3432); ou ainda, *leg(e) / et vale* identificada no *titulus sepulcralis* de *Graecia Modesta* (21595). Apesar deste tipo de formulário não ser inédito, confere um certo grau de erudição ao texto e recorda o verdadeiro objectivo de um epitáfio, i.e., impedir que a memória do defunto caia no esquecimento.

²³ Contraste-se com os únicos dois casos considerados por (VAQUERIZO e SÁNCHEZ, 2008: 113).

5. Considerações acerca das dimensões dos *loci sepulturae*

De um modo geral, as dimensões mencionadas nas inscrições remetem para superfícies que variam entre os 11 x 8 e os 225 x 150 pés. Todavia, foi possível distinguir dentro de cada capital um módulo preferencialmente usado (que designámos de módulo-padrão), concretamente, 12 x 10 em *Astigi*²⁴, 12 x 12 em *Corduba*²⁵ e 12 x 8 em *Emerita*²⁶ (VAQUERIZO, 2002: 168-69; VAQUERIZO e SÁNCHEZ, 2008: 116).

Sobressai assim o caso de *Corduba* onde a maioria dos *termini* documentados constituem *loca quadrata*. Aí, uma ampla série de recintos contíguos com as mesmas dimensões, datada do séc. I/meados do séc. II d.C., fora identificada na Avda. de Ollerías, conformando uma autêntica *via sepulcralis* localizada a nordeste da cidade, num ramal secundário da *via Augusta* (MELCHOR, 1995: 79 ss.). Neste conjunto destacam-se diversos cipos que incluem a *formula pedaturae* na sua forma mais abreviada, *l(ocus) p(edum) XII*, valor que equivale a uma área de 144 pés quadrados, coincidindo assim com os dados arqueológicos (Sánchez e Vaquerizo, 2002: 343; Vaquerizo e Sánchez, 2008: 116 e ss). Sobressai o facto de todos os recintos manifestarem uma superfície idêntica, circunstância que exigiria uma prévia planificação da topografia funerária local tendo por base parcelas estandardizadas onde predominava o módulo quadrangular, implicando uma construção em série e simultânea (VAQUERIZO e SÁNCHEZ, 2008: 123).

Esta realidade é própria de cidades com elevada demografia e pouco terreno, obrigando a uma planificação prévia dos espaços funerários (RUIZ OSUNA, 2009: 90), tal como ocorrera nos *conventus Emeritensis* e *Astigitanus*, ainda que nestes a tendência geral tenha verificado o predomínio do uso do módulo rectangular, onde as medidas *in fronte* superam as *in agro*, privilegiando-se a medida da fachada para que o monumento pudesse beneficiar de uma maior visibilidade (RODRÍGUEZ NEILA, 1991, 80).

Todavia, o caso de *Emerita*, onde se constatarem arqueologicamente recintos com mais de 300 pés de lado que não encontram cor-

²⁴ Onde 50% dos recintos apresentam 12 pés de fachada, e em mais de um terço o módulo de 12 x 10 pés (VAQUERIZO e SÁNCHEZ, 2008: 116).

²⁵ Onde 80% dos casos constitui um módulo de 12 pés quadrados.

²⁶ Este módulo surge testemunhado em 8 casos na Hispania, 6 deles no c. *Emeritensis*.

respondência epigráfica, exige maior prudência quando se interpreta a existência de uma divisão em parcelas estandardizadas e se atribuem as medidas padrão exclusivamente à falta de espaço funerário disponível (SÁNCHEZ e VAQUERIZO, 2002: 340; VAQUERIZO e SÁNCHEZ, 2008: 116).

Procurou-se então estabelecer uma relação entre as dimensões dos recintos documentados na *Hispania* meridional com as de outras cidades do império, verificando-se uma concordância com os valores de Roma ou de outras cidades da Península Itálica, como Óstia (onde primam os recintos de 10x10 pés) ou com os da província Narbonense (15x15 pés) (LÓPEZ MELERO e STYLOW, 1995, 229 ss; VAQUERIZO e SÁNCHEZ, 2008: 115; VAQUERIZO, 2010: 55)

Ainda que numa primeira análise esta analogia possa ser interpretada simplesmente como resultado do processo de *imitatio Urbis*, dever-se-á ter em consideração que a indicação da *pedatura* obedece também a outras condicionantes, tais como pressão demográfica, intensa procura, limitada disponibilidade de terreno, preços e, sobretudo, idiosincrasias regionais como tradições familiares ou modas locais²⁷ (LÓPEZ MELERO e STYLOW, 1995, 230; VAQUERIZO, 2010: 114-115).

5.1. *Monumenta sepulcralia*: os dados epigráficos e arqueológicos

Ainda que nas últimas décadas tenham vindo a ser descobertos recintos funerários de grandes dimensões²⁸, estes *loca* são raros no âmbito hispânico, concentrando-se nos *conventus Astigitanus* e *Cordubensis*. Contudo, o segundo, especialmente a sua capital²⁹, revelou ser o núcleo urbano que evidencia o maior conjunto de sepulcros monumentais, muito superiores ao típico módulo quadrado de 12 x 12 pés, onde se destacam o *l(ocus) p(edum) CXX* de *Q. Iulius Rufus, agrimensor* (930)

²⁷ No âmbito da paleografia, destaque-se a identificação no c. *emeritensis* de 4 testemunhos coincidentes com o módulo-padrão 12x8 (n.ºs 23252, 23257, 23265, 25672), nos quais se preferiu gravar o numeral 8 como IIX, em vez do tradicional VIII, resultando assim num efeito espelho com o XII.

²⁸ Para integrar esta categoria foram considerados todos aqueles em que pelo menos uma das medidas, *in fronte* ou *in agro*, atingisse no mínimo 30 pés.

²⁹ Vide a monografia de A. Ruiz de Osuna (2009) que oferece um catálogo dos sepulcros monumentais de *Corduba*, desde época republicana a meados do império.

e o maior *locus sepulturae* conhecido na Hispania, com 225 x 150 pés³⁰, procedente de Castro del Río (2304), associado a uma *villa rustica* (RODRÍGUEZ NEILA, 1983, 192). Nesta inscrição sobressai o facto de se terem alterado as *loci mensurae* originais, passando de *CL pedes in fronte* para *CCXXV pedes*, e de *CXXX pedes in agro* para *CL pedes*, permitindo assim a agregação de um novo terreno ao *locus* original (VAQUERIZO e SÁNCHEZ, 2008: 116).

Em segundo lugar, ocupam especial destaque os recintos de 130 e 50 pés, respectivamente, pertencentes a dois emigrantes, *P. Cincius patriciensis* (2159) e a *Fabia Albana aungitana* (2161), documentados na necrópole de Alcaudete (*Municipium Sosontigi*).

De *Carthago*, salienta-se o epitáfio de *M. Ai[milius?] Conob(a)riensis(?)* que mandou erigir um mausoléu com 120 pés para si e para a sua família (9531). Sobressaem ainda os sepulcros de *Septimia Severa* com 40 pés quadrados (3136) e *Pupia Prisca* com 30 x 20 pés (3139), do *c. Astigitanus*; ou *Aelia Barna*, com 32 x 30 pés (9423), de *Castulo (c. Carthaginiensis)*, bem demonstrando o seu estatuto sócio-económico das mulheres romanas.

No que toca à classe dos libertos, destacam-se os recintos funerários de *T. Minucius Meleager*, com 18 x 50 pés (2250) e de [...] *Iucun[da]*, com 44 x 27 pés (3384), ambos do *c. Astigitanus*; de *P. Stenius Hylas*, com 36 x 38 pés, do *municipium Obulco Pontificiensis (c. Cordubensis)* (3704); de *M. Fuficius Quietus, aug(ustalis) col(oniae) Aug(ustae) Fir(mae)*, com 18 x 36 pés, do *municipium Cisimbrium* (2556); e, pertencente seguramente a uma *villa rustica* situada entre Cabra e Monturque (*c. Astigitanus*), o recinto de 55 pés quadrados pertencente a uma liberta *Fuficia Heracl[ia]* (2552). Neste caso, a justificar a extensão do *locus*³¹ está o facto de a placa se encontrar fragmentada, tendo sido originalmente maior, perdendo-se grande parte do campo epigráfico onde deveriam constar outros membros da mesma *gens*.

Por último, de *Olisipo (c. Scallabitanus)* destaca-se o epitáfio de *Graptus, Luceia Cinnamidis servus*, exemplo paradigmático por constituir o testemunho mais ocidental e único em território português, e

³⁰ Contraste-se com as medidas de 500 pés quadrados de um recinto de Roma (*CIL*, VI, 30076), um dos maiores *loca* atestados no império (LÓPEZ MELERO e STYLOW, 1995, 230, nota 27).

³¹ 55 pés quadrados correspondem a uma dimensão bastante maior que a média hispânica ou inclusive de Roma (STYLOW, 1984: 294).

porque testemunha a existência de um grande sepulcro rectangular de 30 x 20 pés, cujo proprietário consiste num jovem de 13 anos, escravo de uma mulher da *gens Lucceia*, família bem representada na elite da Lusitania, cujo *cognomen*, *Cinnamidis*, remete para uma onomástica orientalizante, sugerindo que teria sido ela própria uma escrava desta *gens* (20943).

De proprietários desconhecidos, salientam-se os recintos com 40 x 36 pés (13798) e o *locus* com 35 pés quadrados (13799), ambos de *Castulo (conventus Carthaginensis)*; com 20 x 40 pés de Baena, Torreparedones (2331); com 30 pé quadrados de Mengíbar, Cerro Maquiz (3641); com 120 pés um recinto de Monte Horquera, entre Baena e Nueva Carteya (930); e com 85 pés nas proximidades de Martos (Jaén), território pertencente ao *ager tuccitanus* (2132).

Como se tem vindo a verificar ao longo do estudo, afigura-se constante a falta de correspondência entre as fontes epigráficas e os dados arqueológicos, refletindo-se no facto de a maioria dos sepulcros monumentais atestados arqueologicamente não estar dotado do seu suporte epigráfico. Nestas circunstâncias, destacam-se dois recintos circulares monumentais que ocupam uma posição topográfica privilegiada, ladeando uma pequena ponte que dava acesso a uma das entradas da cidade, através da via *Corduba-Hispalis*, actual Puerta de Gallegos (MURILLO *et alii*, 2002: 253). Estes *monumenta*³² reproduzem modelos de tradição tardo-republicana com paralelos na necrópole da *via Laurentina* (Roma), tendo implícita uma mensagem de poder expressa através de simbólica linguagem de prestígio que, certamente, não passaria despercebida.

Por sua vez, junto à Puerta de Sevilla (localizado no Camiño Viejo de Almodóvar), sobressai o grande recinto funerário, designado de “Gran Tumba”, que consistia num hipogeu de cariz monumental datado de meados do séc. I d.C. (SÁNCHEZ RAMOS, 2001: 83-85; VAQUERIZO, 2010: 107).

Da necrópole oriental, estruturado em torno da via Augusta, destaca-se o *monumentum* em edícula, datado do último terço do séc. I a.C./inícios do séc. I d.C., ornamentado com esculturas recuperadas *in situ*. Os dados arqueológicos permitiram definir a delimitação do recinto e

³² Monumentos que encontram paralelo em duas grandes construções funerárias de *Emerita* que ladeiam a via que parte para *Metellinum*, tendo uma das edificações sido atribuída a um *collegium funeraticium* (BEJARANO OSORIO, 1996: 39).

reconstruir aproximadamente as dimensões do pódio e do corpo para 20 pés de fachada e 12 de profundidade; flanqueado por duas colunas coríntias que acolheriam as estátuas-retrato da família dos promotores do monumento (VAQUERIZO, 2010: 118-120).

O sector funerário da Av. de las Ollerías, caracterizado por complexidade da topografia funerária, monumentalidade arquitetónica e uniformidade de superfícies (VAQUERIZO, 2010: 112-114), proporcionou informação privilegiada, uma vez que contém dados epigráficos associados, detendo particular ênfase a *indicatio pedaturae* “*l(ocus) p(edum) XII*” (VAQUERIZO, 2010: 110-111), completada por três caracteres, *VIC*, porventura uma fórmula onomástica³³ abreviada que remete para a existência de um epitáfio principal, onde a informação estaria convenientemente desenvolvida (hipótese que poderia vir a ser corroborada se se confirmasse que a área escavada correspondia efectivamente à fachada tradoz dos monumentos) (VAQUERIZO e SÁNCHEZ, 2008: 123)

Em suma, a partir desta pequena amostra, que se reporta exclusivamente a grandes monumentos, podemos concluir que, mediante uma clara *imitatio Romae*, o mundo funerário fora também utilizado na *Hispania* como um dos melhores meios para refletir a prosperidade económica das novas elites urbanas e, simultaneamente, difundir a nova ideologia imperial e os novos caminhos político-religiosos da cidade altoimperial (SÁNCHEZ e VAQUERIZO, 2002: 340; VAQUERIZO, 2010: 115-17). Todavia, as referências a libertos abastados e ainda ao mundo servil, vêm a confirmar que os grandes *monumenta* funerários não foram exclusivos da elite cidadã.

Por outro lado, no que toca à distribuição topográfica, verifica-se uma lógica de concentração de pequenos *loca* nas principais *colonia* e *municipia* da Hispânia meridional, que contrasta com as referências epigráficas relativas a recintos com dimensões muito superiores identificados em âmbito rural, associados a *villae rusticae* ou dispersos pelo *ager*, isolados entre *fundi* privados e os limites de pequenos *municipia* como *Sosontigi* (LÓPEZ MELERO e STYLOW 1995, 230; MORALES RODRÍGUEZ, 1998, 250; SÁNCHEZ e VAQUERIZO, 2002: 335). Pode surpreender o facto de estes grandes recintos estarem implantados em

³³ Não obstante, embora nestes testemunhos o defunto se mantenha anónimo, podemos encontrar outros testemunhos similares de *Corduba* com a mesma indicação *l(ocus) p(edum) XII*, mas associados aos proprietários *M(arco) Fulvio [...]* (4047) ou *[M]amilia* (4068)

âmbito rural. Porém, podemos estar perante áreas funerárias colectivas mas privadas, tal como dispunham os *collegia funeraticia* ou *gentes* da elite provincial, que adquiriam amplos terrenos de modo a albergar todos os membros da *gens*, incluindo os seus libertos e escravos (RUIZ OSUNA, 2009: 92).

5.2. Sepulcros colectivos: os dados epigráficos e arqueológicos

Maioritariamente identificados nos *conventus Astigitanus*, *Emeritensis* e *Hispalensis*, contrariamente ao que poderia ser esperado, os sepulcros colectivos não evidenciam maiores dimensões, variando sensivelmente entre os módulos-padrão previamente estabelecidos.

Nos 18 epitáfios múltiplos identificados destaca-se, em maioria, a classe dos *liberti*, ainda que se encontre bem representada a classe dos cidadãos, como se reflecte nos casais *C. Cosconius Taurus, Ilvir e Sulpicia Anus*, com um recinto de 12 x 10 pés (3416); *C. Traius Logismus* e *Quartula Cantria Faustus*, com 12 x 12 pés (4133); ou ainda o sepulcro que *M. Aimilus(?)* mandou fazer em vida para si e para a sua família (9531) (SÁNCHEZ e VAQUERIZO, 2002: 340; VAQUERIZO e SÁNCHEZ, 2008: 116).

Do *c. Astigitanus* destacam-se os sepulcros de libertos como *Superstes* e *Campana* com um recinto de 12 x 8 pés (2120); de *L. Iulius Latro Arabianus* e *Clodia Elaphe*, com 12 x 10 pés (2122); de *Q. [- -] Maxumus* sepultado com a liberta *Volumnia Primigenia*, de 14 pés (2049); de *A(ulus) Sextius Titullus* sepultado com a liberta *Caerellia Valentina*, com dimensões desconhecidas (3485); e de *M. Iulius Gallus* sepultado com [*Iulia(?)*] *Apigula* (provável liberta do marido, cidadão pertencente às elites fundacionais da cidade) e a filha [*Iulia(?)*] *Apigula*³⁴, com 20 pés quadrados (26440).

Do *c. Emeritensis* sobressaiem os epitáfios de *Sex(tus) Pompeius Aquilus* sepultado com *Pompeia Festa[e] l(iberta) Galatae* e *Pompeia Primigenia* num recinto de 12 pés quadrados (21570); e de *Andilla Iucunda* e *Iulia Annula*, mandado fazer por *Iulius Felix, Teucris l(ibertus)* com 12 x 9 pés (25553). E, por fim, do *c. Hispalensis* destaque-se o

³⁴ A letra G bem visível no nome *Apigula* de mãe e filha torna-o um hápax. Possível pronúncia local de *Apicula* (HEp 18, 2009, 118).

epitáfio de *Varinia Quarta et [Op]tatus*, com 12 x 10 pés, cujo dedicante, *Varinia Tyche*, é também ela uma liberta (4890).

Neste grupo não podem ser esquecidos os testemunhos de *collegia funeraticia* que, no c. *Astigitanus*, atribuíram honras póstumas a três libertos da gens *Manilia*, *Manilia Moschis*, *Manilia Tyche* e *Manilius Fuscus* (3475); ou no c. *Hispalensis*, no epitáfio de *Iul(ianus?)* onde é mencionado um *colleg(ium) ex funer(aticio)* (5272).

Todavia, ainda que, uma vez mais, não tenha sido possível encontrar paralelos entre os dados epigráficos e a evidência arqueológica, por sua vez, o uso de sepulcros colectivos em *ustrina/busta* familiares encontra confirmação no contexto arqueológico³⁵. Destaque-se, neste âmbito, o sepulcro nº XII do sector funerário da Av. del Corregidor, em *Corduba*, que corresponde a um *ustrinum* onde foram identificadas cinco cremações sobrepostas, confirmando um repetido uso da mesma sepultura.

A estrutura funerária, de grande envergadura, construída em silhares rectangulares, argamassa e fragmentos de *opus signinum*, testemunha pelo menos duas fases distintas de utilização: a primeira, durante época cláudia, e a segunda em meados do séc. I d.C., aquando da reestruturação do sepulcro, para onde remete um epitáfio³⁶ que menciona pelo menos 3 dos últimos ocupantes: a liberta *Cornelia Nymphe*, *C. Pomponius Statius* e uma personagem anónima, mas cujo espaço ainda se encontra visível no campo epigráfico (AE 2006, 656) (VARGAS CANTOS e GUTIÉRREZ DEZA, 2004: 326; VAQUERIZO, 2010: 122-124).

6. Considerações acerca do perfil social e estatuto jurídico

Do ponto de vista sociológico, a adesão a esta prática foi comum às mais diversas classes sociais, obtendo a participação de indivíduos quer masculinos quer femininos, quer cidadãos, libertos ou escravos.

Não obstante não ter sido possível detectar uma relação directa entre as dimensões dos recintos e o estatuto jurídico dos seus promo-

³⁵ Vide o caso da sobreposição de incinerações no mesmo *ustrinum* no enterramento nº21 da calle Bellidos (*Corduba*) de inícios do séc. I d.C., onde foram cremados pelos menos 3 indivíduos no mesmo *bustum* (VAQUERIZO, 2010: 62-63).

³⁶ Encontrado numa intervenção de emergência realizada entre 2003/04 na Av. del Pretorio, correspondente à antiga via setentrional da colónia (CÁNOVAS UBERA, SÁNCHEZ MADRID, VARA CANTOS, 2006: 279-296, lám. 9).

tores, os c. 160 epitáfios analisados providenciam um universo social bastante vasto no qual sobressai claramente o número de indivíduos manumitidos face ao de cidadãos de nascimento livre (VAQUERIZO e SÁNCHEZ, 2008: 117).

Ao longo da História do Império, os libertos enriquecidos foram desempenhando um papel progressivamente mais relevante no fenómeno de monumentalização das cidades, alcançando a máxima expressão nos sécs. I-II d.C., período durante o qual se ampliam os limites das áreas funerárias e se difunde consideravelmente tanto o fenómeno epigráfico como a própria prática da *indicatio mensurae sepulcri* (SÁNCHEZ e VAQUERIZO, 2002: 341).

Neste panorama, a partir de época júlio-cláudia, começou a tornar-se habitual na epigrafia funerária romana o predomínio dos *liberti* que direcionaram de forma perspicaz a sua disponibilidade económica em prol da necessidade de auto-representação e ostentação privada, utilizando o ‘epigraphic habit’ como “vehículo de promoción, autoafirmación y ascenso dentro da hierarquia social romana” (VAQUERIZO e SÁNCHEZ, 2008: 118). No grupo dos *liberti* privilegiados sobressaem os que desempenharam cargos dentro da augustalidade (diretamente associada ao culto imperial) que lhes proporcionara uma posição de prestígio, permitindo o estabelecimento de relações sociais com as elites municipais.

O c. *Astigitanus* documenta o maior número de testemunhos de indivíduos que se identificam explicitamente como *liberti*, nomeadamente, *Iulia Macaria, Q. l.* (2045) e *Mussidia Graphe, Scita lib.* (2051) com um *locus* de 10 pés quadrados; *Sextilia Anus C. l.* (2163) e *Viria Pia L. l.* (3239), com 12 pés quadrados; *Cornelia Primula, l(iberta)* de uma mulher (3449), *L. Nonius Faustus, L. l.* (3477/78), *Petronia Lyde, C. l.* (3535) e três libertos da *gens Manilia*, *Manilia Moschis* de 12 anos, *Manilia Tyche* de 22 e *Manilius Fuscus* de 18 anos (3475), com um módulo-padrão de 12 x 10 pés; *Aecia Nice, Q. lib.* (2536), com 15 pés; *Cor(nelia) Philotim[a], P. li[b.]* (3443) com um recinto de [...] x 13 pés; *Hegloge*, de 3 anos (3450) com um *locus* de 15 x 12 pés; *Domitia G. l. Urbana*, de 15 anos (3402), com 15 pés quadrados; *C. Caecilius C. lib.* (27946) com 16 x 15 pés; e, por fim, os *loca sepulcrales* de grandes dimensões, 55 pés quadrados e 44 x 27 pés, pertencentes às libertas *Fuficia Heraclia Q. lib.* (2552) e [- - -] *Iucunda P. l.* com (3384), respetivamente.

Do c. *Cordubensis*, destaquem-se os *loci sepulturae* de *Caecilia Calliop(e)*, com 12 pés quadrados (5852); de *C(ornelia?) Barbara, Cn.*

lib., com 14 pés quadrados (3684); de *C. Pomponius Licinus C. l(iber-tus)* com 15 pés quadrados (4102); *Offilliena Fausta L. l.* com 12 x 15 pés (3689); *Q. Domitius Macer Q. l.* com 15 x 20 pés (3729); *P. Stenius Hylas, P. l.* com 36 x 38 pés (3704); e *T. Minucius Meleager, T. lib.*, com 18 x 50 pés (2250).

Do c. *Emeritensis*, sobressai a standardização das dimensões variando entre 12 pés quadrados, no sepulcro de *M[a]jela, li. Pa[gana]* (5380); e 12 x 8 pés nos *loci* de *Clovatia Irena, C. l.* (16775), [...]*ius Felix, L. l.* (23218) e [*P.*] *Vettius Felix, P. l.* (25672).

Por último, nos *conventus Gaditanus* e *Carthaginiensis* foi identificado somente um único testemunho, respetivamente, de [*Licina*] *Amerionis C. l.* com c. 15 pés de fachada (1062) e de *L. Postumius Hilar[us]*, de dimensões desconhecidas (9452).

Em suma, os dados provenientes dos *conventus Astigitanus* (43,1% *liberti* face a 37,5% *ingenui*) e *Emeritensis* (45,7% *liberti* face a 20% *ingenui*), no que toca às diferenças do estatuto sócio-jurídico dos indivíduos analisados e o respectivo uso desta prática, vão contrastar com os dados provenientes do *conventus Cordubensis* (33,3% *liberti* e 33,3% *ingenui*) onde, a igualdade quantitativa, permite concluir que aí a mesma distinção não se afigura representativa (SAQUETE, 1997; EDMONDSON, NOGALES, TRILLMICH, 2001; RUIZ OSUNA, 2007: 33 ss; SÁNCHEZ e VAQUERIZO, 2002: 342; VAQUERIZO e SÁNCHEZ, 2008: 117-118).

Não obstante o rigor na metodologia utilizada, estes dados devem ser relativizados face às dificuldades de se identificar seguramente a condição jurídica de muitos dos indivíduos. Optou-se novamente pela prudência, classificando como *incerti*³⁷ os indivíduos que não referem explicitamente o seu estatuto na inscrição, mas que se identificam mediante uma onomástica de cariz grecizante e/ou ausência de filiação, apontando para que, efectivamente, tivessem uma ascendência liberta (SÁNCHEZ e VAQUERIZO, 2002: 341, nota 41; VAQUERIZO e SÁNCHEZ, 2008: 118).

No que respeita ao mundo servil, identificaram-se 3 testemunhos

³⁷ Vide por exemplo os casos: do c. *Emeritensis*, *A(ulus) Manliu[s] Cornut[us] Philem[on]*, com 10 x 9 pés (16779), *Pontia Pergamidis* com 12 x 8 pés (23257), *Mar[cus] Tici[us] S[i]mil[is]* (variante de leitura mais plausível e melhor documentada: *Marti C(ai) l(iberi) Simil(is)*, HEp 8, 1998, 17) com 12 pés quadrados (21599) e *L(uci) P(ompei?) Athe[nodo]ri*, com dimensões desconhecidas (626); do c. *Astigitanus*, *Acilia Thiatis* com 25 x 20 pés (3431); e do c. *Carthaginiensis*, *L. Cornelius Sosimilos* com 12 x 8 pés (9436).

de escravos, concretamente, *Delphus*, escravo de *Iulia Lalema*, com um módulo-padrão de 12 x 10 pés, no c. *Astigitanus* (2035); *Fuscus*, escravo de *Sincera*, com 13/14 x 10 pés, no c. *Emeritensis* (6544); e, *Graptus*, escravo de *Lucceia Cinnamidis*, com 30 x 20 pés, no c. *Scalabitanus* (20943). Note-se que todos os testemunhos correspondem a *serui* de mulheres que, atendendo aos *cognomina* de origem grecizante, parece também elas terem partilhado desta condição.

6.1. O *cursus honorum*

Não obstante os raros casos que aludem ao *cursus honorum* protagonizado pelos promotores dos monumentos em vida, os que chegaram até nós proporcionam uma melhor compreensão das classes sociais pelas quais se havia difundido esta prática. Neste âmbito, no que toca a referências de magistraturas políticas, a amostra recolhida contém um único testemunho, do c. *Astigitanus*, que retrata o dúunviro *C. Cosconius Taurus* que se fez sepultar, juntamente com a sua esposa, num *locus* com as medidas padrão de 12x10 pés (3416).

No que concerne a cargos religiosos salientam-se os *liberti* privilegiados que desempenharam cargos dentro da augustalidade, como o *magister Larum Augustor(um) et Genii Caesaris August(i)*, *C. Marcius Apilus*, com um *locus* de 20 pés quadrados (1102); *M. Fuficius Quietus*, e *M. Fuficius Lybicus*, ambos *aug(ustales) col(oniae) Aug(ustae) Fir(mae)*, sepultados num *locus* de 18 x 36 pés (2556); e o *augustalis* [...] *Pompeius Epaphroditus*, num de 24 pés de fachada (2018).

Por sua vez, as referências a cargos militares apontam para os primeiros veteranos das colónias augustanas (*Emerita, Corduba, Astigi*). Destaque-se, neste âmbito, *L. Virrius L. f. Pap(iria) Fidus nepos militaris leg(ionis) VI*, sepultado num *locus* de 17 x 16 pés (3528), cuja nomenclatura e relações familiares têm apresentado algumas dificuldades de interpretação. Enquanto alguns autores consideram esta personagem neto (*nepos*) de um *militaris leg. VI*³⁸, unidade mi-

³⁸ A *legio VI*, criada por Augusto em 41 a.C., fora trasladada para a Hispania em 29 d.C., onde integrou a última fase da conquista, participando nas Guerras Cantabras sob o epíteto de *Hispaniensis*, e permanecendo em *Legio* (Léon) durante quase um século. O epíteto “*Victrix*” foi-lhe conferido posteriormente, em época de Nero, funcionando a sua ausência na inscrição como indicador cronológico.

litar directamente vinculada à *deductio* da *colonia Augusta Firma*, refletindo assim um parentesco directo com os primeiros colonos da cidade (HEp 4, 1994, 681; HEp 6, 1996, 869); outros lêem antes *L. Virrius Fidus Nepos, militaris leg(ionis) VI* (CIL II2 /5, 1285), sendo o defunto, nesta hipótese, o próprio legionário que ao morrer deixa no seu testamento uma sepultura para si e para seu pai, *L. Virrius Senecio* (CIL II2 /5, 1286).

Todavia, análises onomásticas parecem corroborar a primeira hipótese uma vez que *Virrius* (praticamente desconhecido na *Hispania*) consiste numa forma duplicada de *Virius* (bem documentado, cf. J. M. Abascal, 1994, 249). Esta circunstância juntamente com o facto de se verificar uma distinta utilização do nominativo e do dativo, a ausência do epíteto da legião e ainda os dados paleográficos (que datam a inscrição para o segundo quarto do séc. I d.C.) leva a sugerir que se trate efectivamente de um neto de um dos primeiros colonos de *Astigi*.

Do grupo dos militares destacam-se ainda *M. Aurel(ius) Victor* um [*mil(es)*] *leg(ionis) VII G(eminae) P(iae) F(elicis) natio(ne) [T]raxst(ipendiorum) XX[V] optioq(ue)*, de León, sepultado num recinto com 9 pés de fachada (18766); e *Q. Ancarius Na(v)us*, da *tribu Ser(gia)*, que se qualifica de *missicius*, um veterano ou militar do corpo de reserva, sepultado na *Colonia Augusta Gemella Tucci* (c. *Astigitanus*) num *locus* de 12 pés quadrados (2005).

Por último, atente-se ao caso de *C. Salvius*, sepultado num *locus* de 12 x 10 pés, cidadão que se identifica mediante *duo nomina* e a pertença à *tribu Pap(iria)*, remetendo a inscrição para a 1ª metade do séc. I d.C. e sugerindo ser um descendente dos primeiros colonos de *Emerita* (23261). A controvérsia reside na designação de *cornice[n]*³⁹, termo inicialmente considerado como *cognomen*, *C. Salvius Q. f. Pap. Cornicen*, mas que todavia, J. L. Gómez Pantoja (HEp 6, 1999, 120) sugere tratar-se de um ofício concretamente “un posible miembro del personal adjunto a los *Ilviri* de *Emerita*”, integrando as tropas do governador provincial.

Contudo, em AE 2006, 595 alerta-se para o facto de um *cornicen* poder estar em serviço oficial de um magistrado sem tal implicar um cariz militar. Pode ainda supor-se que estivesse relacionado com o desempenho de actividades fora do exército, detendo antes um papel

³⁹ Vide mais informações em Edmondson, 2006, pp. 136-37, nº 7.

regular no mundo dos *ludi*, participando nas actividades do anfiteatro (= aquele que soprava o *cornu*).

Para terminar, podem ainda encontrar-se outras singulares referências a ofícios, nomeadamente, *Q. Iulius Rufus*, um *agrimensor* de *Corduba*, ofício intimamente relacionado com o tema da *pedatura*, sepultado num *locus* de 120 pés quadrados (930); ainda do c. *Cordubensis*, um *offector*, *Faustus*, indivíduo ligado à mistura de pigmentos e coloração de tecidos, sepultado num recinto de 25x24 pés (3775); e uma *nutrix*⁴⁰ (ama de leite) de *Emerita*, a liberta *Clovatia Irena*, sepultada num *locus* de 12 x 8 pés (16775).

6.2. Considerações em torno da questão da proveniência dos promotores dos monumentos e da filiação cultural da prática epigráfica

Conta-se com cerca de meia dúzia de epitáfios nos quais é possível identificar evidências claras de mobilidade geográfica, concretamente, através da referência à *origo* do indivíduo. Atendendo a estes dados, pode observar-se uma corrente migratória nos dois sentidos, i.e., tanto de pequenos *municipia* para importantes colónias, como o inverso. Neste contexto, considerem-se as duas estelas gémeas onde se identifica *M. Cornelius Catullus*, um *Anticariensis* (AEspA, 2008: 124), membro da elite local que migrou para *Corduba* porventura em busca de promoção social e maior projecção pública (VAQUERIZO e SÁNCHEZ, 2008: 119).

Vejam-se, por outro lado, os casos de *P. Cincius, pat(riciensis)* (*Corduba*), sepultado no *municipium Sosontigi* (Alcaudete) (2159); o liberto *Q. Domitius Macer, Consaburensis* (Consuegra, Toledo), sepultado em *Epora* (Montoro, Córdoba) (3729); *L. Caesius, Bedul(ensis)*⁴¹ (*municipium* desconhecido), sepultado em Alcolea del Río (Sevilla) (4681); o cidadão *M. Ai[milius?]* originário de *Conobarria* (Las Cabezas de San Juan, Sevilla), sepultado em *Carthago Nova* (9531); *Aurelia Leucothoe, patriciensis*, sepultada em *Augusta Gemella Tucci* (2026); *Crespina, Accitana* (colónia *Iulia Gemella Acci*), sepultada em *Tucci*

⁴⁰ Vide HERNÁNDEZ GUERRA, e JIMÉNEZ DE FURUNDARENA, 2007: 723–27.

⁴¹ Único caso registado no império com este designativo. Cfr. J.M. ABASCAL (1994: 300) e MORALES RODRÍGUEZ (2002: 78).

(2027); *L(ucius) Caecilius Severus, Tu[ccit(anus)]*, sepultado no *municipium Sosontigi* (Alcaudete) (2158); ou *Fabia Albana, Aiungitana* (*municipium* de localização incerta), sepultada em *Sosontigi* (2161).

No último caso sobressai a inédita menção a um núcleo urbano desconhecido: a *res publica Aiungitana*. A composição do topónimo conta com um sufixo *-gi* que encontra paralelos em outros topónimos do Alto Guadalquivir (*Aurgi, Isturgi, Iiturgi, Ossigi, Sosontigi*). Também a forma de referir a *pedatura* não encontra paralelo na Hispania, *lateribus quattuor quoquo versus pedes*, sugerindo tratar-se, como vimos, de um contorno mais complexo que um simples quadrado.

Estes exemplos demonstram que a prática da *indicatio pedaturae* migrou juntamente com os indivíduos que a utilizaram. A atestar esta perspectiva, note-se que os principais núcleos urbanos onde se concentram os *termini sepulcrorum* com indicação das medidas do sepulcro foram as capitais provinciais *Augusta Emerita, Corduba e Astigi*, sendo plausível concluir que tivessem sido os novos colonos quem havia introduzido esta prática funerária na *Hispania*.

Neste panorama, têm vindo a ser apontados, como principal veículo de difusão, os veteranos do exército romano coevos da fundação destas cidades, nas quais repetiram as fórmulas e dimensões utilizadas nas grandes cidades itálicas, em paralelo com um pequeno grupo de comerciantes e outros emigrantes civis procedentes não só de regiões itálicas mas também de cidades gálicas onde esta prática já se encontrava plenamente difundida (STYLOW, 2002: 254).

Esta hipótese parece encontrar confirmação epigráfica nos epitáfios de *L. Virrius Fidus, militaris* da *Legio VI Victrix*, sepultado em *Astigi*; ou no de *Q. Ancarius Navus, missicius*, sepultado na *Colonia Augusta Gemella Tucci*, cujo sistema onomástico, nomeadamente o gentilício, parece remeter para uma possível imigração itálica. Neste panorama os *Ancarii* poderiam representar colonos vindos de Roma ou regiões vizinhas, onde se conhecem vários membros desta *gens*, ou ainda da *Gallia Narbonensis* onde surgem associados a corpos militares. Igualmente em *Tucci* se encontra sepultado *Sex. Valerius Clemens*, da *tribu Voltinia* (2030), a qual encontra também paralelos em algumas cidades da *Gallia Narbonensis* (VAQUERIZO e SÁNCHEZ, 2008: 120).

Pese as legiões serem apontadas como o agente transmissor deste costume funerário nas províncias ocidentais, são, porém, em número muito reduzido as inscrições hispânicas com a indicação das medidas do *locus sepulturae* pertencentes a militares, pelo que, não deve ser

descartada a possibilidade desta prática reflectir a organização cadastral das necrópoles após a *deductio* colonial, como ocorreu em Roma ou em outras importantes cidades (VAQUERIZO e SÁNCHEZ, 2008: 121).

Reflexões Finais

São muitas as problemáticas e limitações encontradas na abordagem a este tipo de fonte, sobretudo se se tiverem em conta factores como a descontextualização (impossibilitando uma aproximação à disposição topográfica dos *termini* nas necrópoles); incerteza cronológica; e carência de projectos de estudo interdisciplinares.

Em suma, podemos concluir que a *indicatio pedaturae* transmite de forma clara o valor que o espaço funerário adquiriu no mundo antigo. Concomitantemente, salienta-se o valor da informação que os estudos epigráficos podem trazer ao conhecimento da topografia funerária dos centros urbanos e respectivos *territoria*: se os dados arqueológicos conservam os vestígios inerentes às construções funerárias; os epigráficos conservam informações únicas acerca da origem, cargos e estatuto jurídico dos promotores dos monumentos, e ainda do desejo intrínseco de autorepresentação e *memoria aeterna* (SÁNCHEZ e VAQUERIZO, 2002: 338; RUIZ OSUNA, 2009: 83).

Os *termini sepulcrorum* documentados permitem aprofundar o estudo acerca dos recintos funerários, da sua disposição topográfica nas áreas de necrópole e da respetiva incidência na paisagem funerária periurbana. Todavia, estes aspectos nem sempre encontram correspondência arqueológica. Enquanto em *Astigi*, as inúmeras evidências epigráficas alusivas a *loca sepulturae* contrastam com a escassez de recintos documentados arqueologicamente; em *Corduba*, pelo contrário, dispomos de poucos exemplos epigráficos desta prática, mas novos recintos vão surgindo a cada escavação arqueológica (VAQUERIZO e SÁNCHEZ, 2008: 113).

Por outro lado, no que toca à sua distribuição geográfica, verifica-se uma concentração exclusiva das províncias *Baetica* e *Lusitania* (concretamente nos *conventus Astigitanus*, *Emeritensis* e *Cordubensis*), ainda que se encontrem pontuais testemunhos difundidos por toda a Península (*conventus Carthaginensis*, *Tarraconensis*, *Scallabitanus*, *Asturum*, *Gaditanus*, *Caesaraugustanus*, *Hispalensis*), onde parecem ter chegado em consequência de contactos com o sul.

Atendendo a este panorama, parece justificar-se a existência de uma certa partilha de hábitos epigráficos entre centros urbanos longínquos e de distinto perfil social como *Emerita* e *Astigi*, onde se pôde verificar que os *tituli sepulcrales* empregam fórmulas similares para a *indicatio pedaturae*; mas também, por outro lado, que *Astigi* e *Corduba*, geograficamente muito próximas, apresentem um contrastante número de testemunhos e de especificidades no seu formulário (VAQUERIZO e SÁNCHEZ, 2008: 126).

Estes três núcleos urbanos caracterizam-se por uma complexa realidade com peculiaridades muito próprias mas também partilhando de hábitos comuns, que não basta serem explicados através da distinta procedência geográfica ou tradição cultural dos colonos ali estabelecidos, sendo necessário ter também em consideração os distintos substratos indígenas sobre os quais assentaram as tradições romanas; não podendo ainda descartar-se totalmente a probabilidade de tal prática obedecer simplesmente à ordenação cadastral do espaço funerário no momento da *deductio* colonial.

No que toca à análise sociológica, esta prática fora utilizada pelas mais diversas classes sociais, sem que se possa estabelecer uma relação directa entre as dimensões dos recintos, a tipologia de suporte e o estatuto jurídico dos promotores dos monumentos (RUIZ OSUNA, 2009: 94).

A única constante que parece observar-se é a predominância de indivíduos ligados ao estrato servil ou seus descendentes, que também viram nesta prática uma forma eficaz de dotar o *locus* de carácter jurídico, factor dissuasório contra a *violatio sepulcri*, salvaguardando a integridade da sepultura, e de a utilizar, simultaneamente, como mecanismo de propaganda e auto-representação na hierarquia social.

Todavia, pese todos os esforços de controlo e vigilância às áreas de necrópole postos em prática pelas autoridades municipais, esta nem sempre fora possível de atingir. Esta tem sido uma das razões apontadas para o desaparecimento da utilização das *loci mensurae* dos *tituli sepulcrales* em apenas quatro ou cinco gerações.

Não obstante, quando se estuda o mundo da epigrafia funerária rapidamente se comprova que a maioria da população não sentiu necessidade de gravar as dimensões do *locus sepulturae*, quer seja por este se encontrar situado em grandes áreas de terreno ou em propriedades privadas que não implicassem qualquer tipo de controlo de espaço (RODRÍGUEZ NEILA, 1991, 63), quer por já se encontrar assinalado mediante

outro meio, como muros, valas, barreiras vegetais ou *tituli picti* (VAQUERIZO e SÁNCHEZ, 2008: 121).

Tem-se vindo a apontar também para as modas culturais como causa do seu abandono, na medida em que, com grande rapidez, eram impostas novas expressões de representação (artísticas, simbólicas, de prestígio) da paisagem funerária (VAQUERIZO e SÁNCHEZ, 2008: 127). Esta realidade não surpreende uma vez que podem ser detectados noutros âmbitos da sociedade coeva processos semelhantes que, naturalmente, fazem relativizar muitos dos dados adquiridos.

Por fim, podemos concluir que os *loca religiosa* analisados não permaneceram imutáveis ao longo do tempo. A paisagem funerária evoluiu de forma significativa, adaptando-se progressivamente às mudanças da ideologia político-religiosa. O único factor que permaneceu imutável parece ter sido o desejo e preocupação de deixar imortalizada a *memoria publica*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABASCAL, Juan Manuel (1994) – *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*, Murcia: Universidad.
- ABASCAL, Juan Manuel *et alii* (2008) - *Segóbriga 2007. Resumen de las intervenciones arqueológicas*, Cuenca.
- AYERBE VÉLEZ, Rócio e MÁRQUEZ PÉREZ, Juana (1996) – “Intervención arqueológica en el solar de la calle Cabo Verde. Espacio funerario del sitio del Disco”. *Memoria, Excavaciones Arqueológicas*, Mérida, nº 2, pp. 135-166
- BARRERA ANTÓN, José Luís de la (1989-1990) – “Hallazgo de sepulturas de época romana en Mérida”. *Anas, Museo Nacional de Arte Romano*, Mérida, nº 2-3, pp. 229-248.
- BEJARANO OSORIO, Ana María (1996) – “Sepulturas de incineración en la necrópolis oriental de Mérida: las variantes de *cupae* monolíticas”. *Anas, Museo Nacional de Arte Romano*, Mérida, nº 9, pp. 37-58.
- BEJARANO OSORIO, Ana María (2007) – “Un espacio funerario generado en el torno del circo romano de Augusta Emerita”. *Memoria, Excavaciones Arqueológicas*, Mérida, nº 10, pp. 131-152.
- CÁNOVAS ÜBERA, Álvaro; SÁNCHEZ MADRID, Sebastián e VARA CANTOS, Sonia (2006) “La Tumba de *Caius Pomponius Staius* En La Necrópolis Septentrional de Colonia Patricia.” *Anales de Arqueología Cordobesa* 17.1, pp. 279-296.
- EDMONDSON, Jonathan; NOGALES BASARRATE, Trinidad e TRILLMICH, Werner (2001) - *Imagen y Memoria: Monumentos funerarios com retratos en la colonia Augusta Emerita*, Madrid.

- EDMONDSON, Jonathan (2006) – “Granite Funerary Stelae from Augusta Emerita”. *Monografías Emeritenses* 9. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.
- HERNÁNDEZ GUERRA, Liborio e JIMÉNEZ de FURUNDARENA, Agustín (2007) - “Novedades Epigráficas de La Provincia de Zamora.” In *XII Congressus Internationalis Epigraphiae Graecae et Latinae: Provinciae Imperii Romani Inscriptioibus Descriptae* (Barcelona, 3-8 Septembris 2002). In M. Mayer i Olivé, G. Baratta e A. Guzmán Almagro (eds.), *Monografies de La Secció Històrico-Arqueològica 10*. Barcelona: Institut d’Estudis Catalans, pp. 723–28.
- LOPÉZ JIMÉNEZ, Agustín (2006) - *Informe y Memoria de la Actividad Arqueológica Preventiva de la Parcela 4 del Plan Especial SC-2A, Córdoba*. Córdoba.
- LÓPEZ MELERO, Raquel e STYLOW, Armin U. (1995) - “Una pena sepulcral a favor de la *res publica Aiungitanorum*”, *Espacio, Tiempo y Forma, Serie II, Hª Antigua* VIII, Madrid, pp. 219-253.
- MÁRQUEZ PÉREZ, Juana (1998) – “Aportaciones al estudio del mundo funerario en Emerita Augusta”. *Memoria, Excavaciones Arqueológicas*, Mérida, nº 6, pp. 525-547.
- MÁRQUEZ PÉREZ, Juana; SÁNCHEZ BARRERO, Pedro e EDMONDSON, Jonathan (2007) – “Un enterramiento de incineración con estela de granito fechado en el s. I d.C.”. *Memoria, Excavaciones Arqueológicas*, Mérida, nº 10, pp. 509-522.
- MELCHOR, Enrique (1995) - *Vías romanas de la provincia de Córdoba*, Córdoba.
- MELCHOR, Enrique (2006): “*his ordo decrevit*: honores fúnebres en las ciudades de la Bética”. In D. Vaquerizo; J. A. Garriguet e A. León (eds.), *Espacio y usos funerarios en la ciudad histórica, A.A.C.*, 17, vol. I, Córdoba, pp. 115-144.
- MOLANO BRIAS, Juana e ALVARADO GONZALO, Manuel (1991-92) – “El enterramiento de la C/ Circo Romano nº 10: aportación al conocimiento de las tumbas con tubos de libaciones en Augusta Emerita”. *Anas, Museo Nacional de Arte Romano*, Mérida, nº 4-5, pp. 161-173.
- MOLINA EXPÓSITO, Antonio e SÁNCHEZ ROMAS, Isabel (2002-03) – “Una aportación a las necrópolis tardorromanas de Corduba: el sector funerario de la calle Lucano nº 7 y 9 de Córdoba”. *Anales de Arqueología Cordobesa*, nº 13-14, Córdoba, pp. 355-389.
- MORALES RODRÍGUEZ, Eva María (1998): “Espacios funerarios: necrópolis urbanas y rurales en los municipios flavios de la provincia de Jaén”, *Florentia Iliberritana*, 9, Granada, pp. 237-262.
- MORALES RODRÍGUEZ, Eva María (2002) - *Los municipios flavios de la provincia de Jaén*. Jaén: Instituto de Estudios Giennenses.
- MURILLO, Juan F. *et alli* (2002) – “Los monumentos funerarios de Puerta Gallegos. Colonia Patricia Corduba”. In D. Vaquerizo (ed.), *Espacio y usos funerarios en el Occidente Romano*, vol. II, Córdoba, pp. 247-274.
- NODAR BECERRA, Raquel (2002) – “Aportaciones al área funeraria oriental de Emerita Augusta”. *Memoria, Excavaciones Arqueológicas*, Mérida, nº 6, pp. 123-134.
- PICADO PÉREZ, Yolanda (2006) – “Restos funerarios en torno a una vía de acceso a Emerita Augusta en la zona norte de Mérida”. *Memoria, Excavaciones Arqueológicas*, Mérida, nº 9, pp. 91-108.

- RODRÍGUEZ HIDALGO, Sara (2007) – “Excavación de un área funeraria de época bajoimperial en torno al acueducto de Los Milagros”. *Memoria, Excavaciones Arqueológicas*, Mérida, nº 10, pp. 91-102.
- RODRÍGUEZ NEILA, Juan Francisco (1983) – “Aportaciones epigráficas. I”, *Habis* 14, Sevilla, pp. 153-194.
- RODRÍGUEZ NEILA, Juan Francisco (1991) - “Espacios de uso funerario con indicación de medidas en las necrópolis romanas”, *Conimbriga*, XXX, Coimbra, pp. 59-94.
- RODRÍGUEZ NEILA, Juan Francisco (1992) – “Algunas observaciones sobre los acotados funerarios romanos”, *In Memoriam J. Cabrera Moreno*, Granada, pp. 437-448.
- RUIZ OSUNA, Ana Bélen (2005) – “La *via sepulcralis* occidental. Un ejemplo de monumentalización funeraria en *Colonia Patricia*”, *Anales de Arqueología Cordobesa (A.A.C.)* 16, Córdoba, pp. 79-104.
- RUIZ OSUNA, Ana Bélen (2006) - “Arquitectura funeraria en la Bética: el ejemplo de las capitales conventuales”, *A.A.C.*, 17, vol. I, Córdoba, pp. 157-194
- RUIZ OSUNA, Ana Bélen (2007) - *La monumentalización de los espacios funerarios en Colonia Patricia Corduba (ss. I a.C. – II d.C.)*, Arqueología Cordobesa 16, Córdoba.
- RUIZ OSUNA, Ana Bélen (2009) - *Topografía y monumentalización funeraria en Baetica: conventus Cordubensis y Astigitanus*. Servicio de Publicaciones de la Universidad de Córdoba.
- SÁNCHEZ RAMOS, Isabel (2001) – “Un sector funerario de la necrópolis septentrional de *Corduba*”. *A.A.C.*, 12, Córdoba, pp. 79-111.
- SÁNCHEZ MADRID, Sebastián e VAQUERIZO, Desiderio (2002): “La indicación de la *pedatura* en *tituli sepulcrales* hispanos. Estado de la cuestión y nuevas perspectivas”, *Homenaje a Armin U. Stylow*. Anejos de AEspA XLVIII, p. 331-350.
- SAQUETE CHAMIZO, José Carlos (1997) – *Las elites sociales de Augusta Emerita*, Mérida.
- STYLOW, Armin U. (1984) - “Inscripciones Latinas del sur de la provincial de Córdoba”, *Gerión*, I, Servicio Editorial Universidad Complutense de Madrid, pp. 266-303.
- STYLOW, Armin U. (1995) – “Los inicios de la epigrafía latina en la Bética. El ejemplo de la epigrafía funeraria”. In F. Beltrán (ed.), *Roma y el nacimiento de la cultura epigráfica en Occidente*, Zaragoza, pp. 219-238.
- STYLOW, Armin U. (2001) – “Una aproximación a la *Carmona* romana a través de su epigrafía. Nuevas aportaciones y revisión crítica». In A. Caballos Rufino (ed.), *Actas del II Congreso de Historia de Carmona. Carmona Romana*, Carmona (Sevilla), pp. 95-105.
- STYLOW, Armin U. (2002): “La epigrafía funeraria en la Bética”. In D. Vaquerizo (ed.), *Espacios y usos funerarios en el Occidente Romano*, vol. I, Córdoba, pp. 353-368
- VAQUERIZO, Desiderio Gil (2001a): “Recintos y Acotados funerarios en *Colonia Patricia Corduba*”, *MM*, 43, Mainz am Rhein, pp. 169-205.
- VAQUERIZO, Desiderio Gil (coord.) (2001b) – *Funus Cordubensium: costumbres funerarios en la Córdoba romana*. Sevilla.

- VAQUERIZO, Desiderio Gil (2002): “Espacio y usos funerarios en Corduba”. In D. Vaquerizo (ed.), (2002): *Espacios y Usos funerarios en el Occidente Romano*, vol. II, Córdoba, pp.141-200;
- VAQUERIZO, Desiderio e SÁNCHEZ, Sebastián (2008) – “Entre lo público y lo privado. *Indicatio pedaturae* en la epigrafía funeraria hispana”, *Archivo Español de Arqueología (AEspA)*, 81, pp. 101-131.
- VAQUERIZO, Desiderio Gil (2010) – *Necrópolis urbanas en Baetica*. Tarragona. Universidad de Sevilla.
- VARGAS CANTOS, Sonia e GUTIÉRREZ DEZA, María Isabel (2004) – “Un ejemplo de los usos y costumbres funerarias de la Córdoba romana a través de un conjunto de tumbas de la necrópolis de la Avenida del Corregidor (Córdoba)”. *A.A.C.*, 15, Córdoba, pp. 309-328.

ANEXO A - TABELA 1

NºReg. (HEp)/ Online	Dimensões	Proveniência	Formula locus sepultura	Bibl. Abrev.
426	20x20	<i>C. Cordubensis</i>	<i>L(ocus) q(uo)q(uo) v(ersus) p(edes) XX</i>	CIL II2/7, 957
626	[...]	<i>C. Emeritensis</i>	<i>loc(us) p(edes)</i>	AE 1983, 619
779	12x12	<i>C. Astigitanus</i>	<i>[i(n) f(ronte)] p(edes) XII in agr(o) p(edes) XII</i>	HEp 11, 2001, 456
926	10	<i>C. Cordubensis</i>	<i>A pariete p(edes) X</i>	CIL II²/5, 347
930	120x120	<i>C. Astigitanus</i>	<i>L(ocus) p(edum) CXX</i>	CIL II²/5, 351
1062	15 x [...]	<i>C. Gaditanus</i>	<i>[- - - in fr(onte)] p(edes) XV[</i>	IRPCadiz 112
1064	15x1[...]	<i>C. Gaditanus</i>	<i>in fr(onte) ped(es) XV in fr(onte) ped(es) X[</i>	IRPCadiz 114
1102	20x20	<i>C. Hispalensis</i>	<i>in f(ronte) p(edes) XX in ag(ro) p(edes) XX</i>	CIL II 1133
1833	5	<i>C. Hispalensis</i>	<i>Privatu(s) / p(edes) l(atum) V</i>	CIL II 5414
1939	40x44	<i>C. Astigitanus</i>	<i>l(oci) p(edes) in a(gro) XXXXIII / latu(s) p(edes) [X]XXX</i>	CIL II²/5, 23
2005	12x12	<i>C. Astigitanus</i>	<i>l(ocus) p(edum) XII</i>	CIL II²/5, 81
2018	24	<i>C. Astigitanus</i>	<i>in f(ronte) / l(atum) p(edes) XXIII</i>	CIL II²/5, 94
2026	14x12	<i>C. Astigitanus</i>	<i>l(ocus) p(edum) XIII / XII</i>	CIL II²/5, 102
2027	19x11	<i>C. Astigitanus</i>	<i>in fro(n)te l(atum) p(edes) XIX / in ag(ro) p(edes) XI</i>	CIL II²/5, 103
2030	12	<i>C. Astigitanus</i>	<i>In f(ronte) l(atum) p(edes) XII</i>	CIL II²/5, 106
2035	12x10	<i>C. Astigitanus</i>	<i>in / f(ronte) p(edes) XII in a(gro) p(edes) X</i>	CIL II²/5, 111
2045	10	<i>C. Astigitanus</i>	<i>In f(ronte) p(edes) X</i>	CIL II²/5, 121
2049	14	<i>C. Astigitanus</i>	<i>in f(ronte) p(edes) XIII</i>	CIL II²/5, 125
2051	10x10	<i>C. Astigitanus</i>	<i>l(ocus) p(edum) X</i>	CIL II²/5, 127
2052	8.5x13.5	<i>C. Astigitanus</i>	<i>[- - -] p(edes) VIII s(emis) [- - -] p(edes) XIII s(emis)</i>	CIL II²/5, 128
2057	12	<i>C. Astigitanus</i>	<i>In f(ronte) l(atum) p(edes) XII</i>	CIL II²/5, 133
2059	12x12	<i>C. Astigitanus</i>	<i>l(atum) p(edes) XII / [i]n ag(ro) p(edes) XII</i>	CIL II²/5, 135
2064	15	<i>C. Astigitanus</i>	<i>in] fr(onte) l(atum) p(edes) XV</i>	CIL II²/5, 140
2065	18x28	<i>C. Astigitanus</i>	<i>in f(ronte) l(atum) p(edes) XVIII / in a(gro) p(edes) XXVIII</i>	CIL II²/5, 141
2066	[...]x15	<i>C. Astigitanus</i>	<i>[In] fr(onte) l(atum) p(edes) [- - -] / in agr(o) l(ongum) p(edes) XV</i>	CIL II²/5, 142
2067	10	<i>C. Astigitanus</i>	<i>l(atum) · p(edes) · X</i>	CIL II²/5, 143
2086	12x12	<i>C. Astigitanus</i>	<i>[L(ocus?)] p(edum) XII</i>	CIL II²/5, 161
2116	12x12	<i>C. Astigitanus</i>	<i>q(uo)q(uo) v(ersum) l(ocus) p(edum) XII</i>	CIL II²/5, 191
2120	12x8	<i>C. Astigitanus</i>	<i>[l(ocus) p(edum) in] / f(ronte) XII / in ag(ro) p(edum) VIII</i>	CIL II²/5, 195
2122	12x10	<i>C. Astigitanus</i>	<i>in f(ronte) p(edes) XII in a(gro) p(edes) X</i>	CIL II²/5, 197

2132	85x85	<i>C. Astigitanus</i>	<i>[L(ocus)] p(edum) · LXXXV</i>	CIL II ² /5, 207
2148	15x15	<i>C. Astigitanus</i>	<i>L(ocus) p(edum) XV</i>	CIL II ² /5, 223
2158	20x[...]	<i>C. Astigitanus</i>	<i>l(ocus) in f(ron)te p(edum) XX in a(gro) [p(edum)]</i>	CIL II ² /5, 233
2159	130	<i>C. Astigitanus</i>	<i>l(ocus) p(edum) (vacat) CXXX</i>	CIL II ² /5, 234
2161	50x50	<i>C. Astigitanus</i>	<i>in f(ron)te pedes L in agro late[ri]/bus quattuor quoquo versus / pedes L</i>	CIL II ² /5, 236
2163	12x12	<i>C. Astigitanus</i>	<i>L(ocus) p(edum) XII</i>	CIL II ² /5, 238
2164	25x25	<i>C. Astigitanus</i>	<i>L(ocus) p(edum) q(uo)q(uo) v(ersus) / XXV</i>	CIL II ² /5, 239
2250	18x50	<i>C. Astigitanus</i>	<i>In f(ron)te p(edes) XVIII in a(gro) p(edes) L</i>	CIL II ² /5, 324
2291	25x25	<i>C. Astigitanus</i>	<i>L(ocus) q(uo)q(uo)v(ersus) p(edes) XXV</i>	CIL II ² /5, 391a
2304	225x150	<i>C. Astigitanus</i>	<i>L(ocus) in f(ron)te / p(edum) CCXXV et / in agro p(edum) CL</i>	CIL II ² /5, 403
2331	20x40	<i>C. Astigitanus</i>	<i>l(ocus) in f(ron)te p(edum) XX / in agro p(edum) XXXX</i>	CIL II ² /5, 430
2461	12x10	<i>C. Astigitanus</i>	<i>In f(ron)te p(edes) XII / in agr(o) p(edes) X</i>	CIL II ² /5, 530
2525	11x8	<i>C. Astigitanus</i>	<i>In f(ron)te p(edes) XI in agr(o) p(edes) VIII</i>	CIL II ² /5, 585
2536	15x15	<i>C. Astigitanus</i>	<i>l(ocus) p(edum) XV</i>	CIL II ² /5, 596
2552	55x55	<i>C. Astigitanus</i>	<i>L(ocus) p(edum) LV</i>	CIL II ² /5, 613
2556	18x36	<i>C. Astigitanus</i>	<i>In f(ron)te p(edes) XVIII / in agro p(edes) XXXVI</i>	CIL II ² /5, 617
3017	[...]	<i>C. Astigitanus</i>	<i>Jus pedes [</i>	CIL II ² /5, 766
3136	40x40	<i>C. Astigitanus</i>	<i>in f(ron)te p(edes) XXXX / in a(gro) p(edes) XXXX</i>	CIL II ² /5, 885
3139	30x20	<i>C. Astigitanus</i>	<i>in f(ron)te p(edes) XXX in a(gro) p(edes) XX</i>	CIL II ² /5, 888
3204	11x12	<i>C. Astigitanus</i>	<i>in [f]ron)te p(edes) XI / in agro p(edes) XII</i>	CIL II ² /5, 977
3239	12x12	<i>C. Astigitanus</i>	<i>l(ocus) p(edum) XII</i>	CIL II ² /5, 999
3290	12x15	<i>C. Astigitanus</i>	<i>in f(ron)te p(edes) XII / in a(gro) p(edes) XV</i>	CIL II ² /5, 1048
3384	44x27	<i>C. Astigitanus</i>	<i>[in fr(onte) p(edes)] XXXXIII in ag(ro) / [p(edes)] XXVII</i>	CIL II ² /5, 1142
3390	12x10	<i>C. Astigitanus</i>	<i>in f(ron)te p(edes) XII in a(gro) / p(edes) X</i>	CIL II ² /5, 1148
3402	15x15	<i>C. Astigitanus</i>	<i>In f(ron)te p(edes) XV / in a(gro) p(edes) XV</i>	CIL II ² /5, 1160
3403	12x10	<i>C. Astigitanus</i>	<i>[In f(ron)te p(edes) X]II in a(gro) p(edes) X</i>	CIL II ² /5, 1161
3416	12x10	<i>C. Astigitanus</i>	<i>in f(ron)te ped(es) XII / in agr(o) ped(es) X</i>	CIL II ² /5, 1174

3431	25x20	<i>C. Astigitanus</i>	<i>i[n fro]nte p(edes) XXV / in agro p(edes) XX</i>	CIL II ² /5, 1189
3432	12x10	<i>C. Astigitanus</i>	<i>in fr(onte) p(edes) XII in ag(ro) X</i>	CIL II ² /5, 1190
3439	12x10	<i>C. Astigitanus</i>	<i>in f(ron)te p(edes) XII in / a(gro) p(edes) X</i>	CIL II ² /5, 1197
3443	[...]x13	<i>C. Astigitanus</i>	<i>in f(ron)te p(edes) - - -] / in a(gro) p(edes) XIII</i>	CIL II ² /5, 1201
3446 (I)	15x15	<i>C. Astigitanus</i>	<i>in f(ron)te] p(edes) / XV in ag(ro) p(edes) X[V]</i>	CIL II ² /5, 1204
3447 (II)	15x15	<i>C. Astigitanus</i>	<i>in f(ron)te p(edes) / XV in ag(ro) p(edes) XV</i>	CIL II ² /5, 1205
3448(III)	15x15	<i>C. Astigitanus</i>	<i>[in f(ron)te p(edes)] / XV in ag(ro) p(edes) XV</i>	CIL II ² /5, 1206
3449	12x10	<i>C. Astigitanus</i>	<i>in f(ron)te p(edes) XII / in a(gro) p(edes) X</i>	CIL II ² /5, 1207
3450	15x12	<i>C. Astigitanus</i>	<i>in f(ron)te p(edes) XV in a(gro) p(edes) XII</i>	CIL II ² /5, 1208
3467	12x10	<i>C. Astigitanus</i>	<i>Loc(us) in f(ron)te p(edum) XII in / agr(o) p(edum) X</i>	CIL II ² /5, 1224
3471	15x14	<i>C. Astigitanus</i>	<i>[In] fr(onte) p(edes) XV / [in] ag(ro) p(edes) XIII</i>	CIL II ² /5, 1228
3473	12x[...]	<i>C. Astigitanus</i>	<i>n f(ron)te p(edes) XII in [a(gro) p(edes)]</i>	CIL II ² /5, 1230
3475	12x10	<i>C. Astigitanus</i>	<i>in fronte p(edes) XII [in agro p(edes)] X</i>	CIL II ² /5, 1232
3477 (I)	12x10	<i>C. Astigitanus</i>	<i>in f(ron)te ped(es) XII / in agr(o) ped(es) X</i>	CIL II ² /5, 1234
3478 (II)	12x10	<i>C. Astigitanus</i>	<i>in f(ron)te ped(es) XII / in agr(o) ped(es) X</i>	CIL II ² /5, 1235
3481	12x10	<i>C. Astigitanus</i>	<i>in f(ron)te p(edes) XII in a(gro) p(edes) XX</i>	CIL II ² /5, 1238
3485	1[...][...]	<i>C. Astigitanus</i>	<i>in f(ron)te p(edes) X[- - -] / in ag(ro) p(edes) [- - -]</i>	CIL II ² /5, 1242
3496	14x10	<i>C. Astigitanus</i>	<i>in f(ron)te p(edes) XIII / in a(gro) p(edes) X</i>	CIL II ² /5, 1253
3497	12x20	<i>C. Astigitanus</i>	<i>in f(ron)te / ped(es) XII in ag(ro) p(edes) XX</i>	CIL II ² /5, 1254
3499	10x[...]	<i>C. Astigitanus</i>	<i>in f]ro(nte) p(edes) X / [in ag(ro) p(edes)]</i>	CIL II ² /5, 1256
3528	17x16	<i>C. Astigitanus</i>	<i>in / fr(onte) p(edes) XVII in ag(ro) XVI</i>	CIL II ² /5, 1285
3529	16x16	<i>C. Astigitanus</i>	<i>in fr(onte) p(edes) XVI in ag(ro) / p(edes) XVI</i>	CIL II ² /5, 1286
3535	12x10	<i>C. Astigitanus</i>	<i>in / f(ron)te p(edes) XII in a(gro) p(edes) X</i>	CIL II ² /5, 1291
3641	30x30	<i>C. Cordubensis</i>	<i>L(ocus) p(edum) XXX</i>	CIL II ² /7, 43
3643	24.5	<i>C. Cordubensis</i>	<i>p(edes) XXIII s(emis)</i>	CIL II ² /7, 45

3684	24x24	<i>C. Cordubensis</i>	<i>In agr(o) ped(es) / XIII in f(ron)te p(edes) XIII</i>	CIL II2/7, 110
3689	[?]12x[?]>15	<i>C. Cordubensis</i>	<i>[Loc(us) ped]um in fro[nte - -]XII in agro [- -]XV</i>	CIL II2/7, 115
3704	36x38	<i>C. Cordubensis</i>	<i>l(ocus) in f(ron)te p(edum) XXXVI / in agr(o) p(edum) XXXVIII</i>	CIL II2/7, 129
3729	15x20	<i>C. Cordubensis</i>	<i>l(ocus) p(edum) in front(e) XV / in agro p(edum) XX</i>	CIL II2/7, 155
3775	25x24	<i>C. Cordubensis</i>	<i>in f(ron)te l(ocus) p(edum) XXV / in ag(ro) p(edum) XXIII</i>	CIL II2/7, 198
3784	8	<i>C. Cordubensis</i>	<i>in fron/te ped(es) VIII</i>	CIL II2/7, 207
4047	12x12	<i>C. Cordubensis</i>	<i>l(ocus) p(edum) XII</i>	CIL II2/7, 465
4068	12x12	<i>C. Cordubensis</i>	<i>L(ocus) p(edum) XII</i>	CIL II2/7, 486
4102	15x15	<i>C. Cordubensis</i>	<i>L(ocus) in fr(onte) p(edum) XV / l(ocus) in ag(ro) p(edum) XV</i>	CIL II2/7, 517
4133	12x12	<i>C. Cordubensis</i>	<i>quoquo versus / p(edes) XII</i>	CIL II2/7, 547
4157	2x2	<i>C. Cordubensis</i>	<i>l(ocus) p(edum) II</i>	CIL II2/7, 571
4300	20x20	<i>C. Cordubensis</i>	<i>L(ocus) p(edum) XX</i>	CIL II2/7, 699b
4602	12x10	<i>C. Hispalensis</i>	<i>in · f(ron)te · p(edes) · XII / in · a(gro) p(edes) · X</i>	HEp 14, 2005,330
4681	15x24	<i>C. Hispalensis</i>	<i>i(n) l(atum) p(edes) XV i(n) l(ongum) p(edes) XX/III</i>	HEp 4, 1994, 665
4890	12x10	<i>C. Hispalensis</i>	<i>[in f(ron)te p(edes)] XII in a(gro) p(edes) X</i>	HEp 4, 1994, 678
5272	12x12	<i>C. Hispalensis</i>	<i>colleg(ium) ex funer(aticio) quo l(oco) / superf(iciali) q(uoque)(ersus) p(edes) XII</i>	HEp 13, 2003/2004, 620
5316	1[...]x10	<i>C. Gaditanus</i>	<i>[i]n f(ron)te p(edes) [X in a(gro) p(edes)] X</i>	HEp 15, 2006, 130
5372	12x10	<i>C. Emeritensis</i>	<i>in fro(n)te / p(edes) XII in agr(o) p(edes) X</i>	HEp 8, 1998, 27
5380	12x12	<i>C. Emeritensis</i>	<i>loc(um) XII [p(edes)]</i>	HEp 8, 1998, 34
5398	14x12	<i>C. Hispalensis</i>	<i>f(ron)te p(edes) XIV a(gro) p(edes) XII</i>	HEp 4, 1994, 649
5852	12 (?)	<i>C. Emeritensis</i>	<i>L(atus) p(edes) XII</i>	HEp 8, 1998, 26
6142	16x16	<i>C. Gaditanus</i>	<i>in f(ron)te p(edes) XV[I] / in f(ron)te p(edes) XV[I]</i>	IRPCadiz 34
6169	16x12	<i>C. Gaditanus</i>	<i>in f(ron)te p(edes) XVI / [in] ag(ro) p(edes) XII</i>	IRPCadiz 118
6544	1[4?]x10	<i>C. Emeritensis</i>	<i>in f[r(onte) p(edes)] XIII[I(?)] / in agr(o) p(edes) X</i>	HEp 15, 2006, 26
7493	17	<i>C. Caesaraugustanus</i>	<i>p(edes) XVII</i>	HEp 7, 1997, 477
9150	¿15x15?	<i>C. Carthaginiensis</i>	<i>[in fr(onte)] p(edes) XV[- -] / in ag(ro)] p(edes) XV[</i>	CIL II 3159
9423	32x30	<i>C. Carthaginiensis</i>	<i>l(ocus) in fr(onte) p(edes) XXXII / a via in agr(o) p(edes) XXX</i>	CIL II 3282

9433	[...]	<i>C. Carthaginiensis</i>	<i>in fronte p(edes) [- -] / in agr(o) p(edes) [</i>	HEp 5, 1995, 429
9436	12x8	<i>C. Carthaginiensis</i>	<i>in fron(te) / p(edes) XII in agr(o) p(edes) VII</i>	CIL II 3295
9452	[...]	<i>C. Carthaginiensis</i>	<i>[i]n fro(n)te) p(edes) in agr(o) p(edes)</i>	CIL II 3311
9531	120x1[...]	<i>C. Carthaginiensis</i>	<i>in fr[onte] / p(edes) CXX in agro p(edes) X[- -]</i>	CIL II 3444
13353	23x20	<i>C. Tarraconensis</i>	<i>in suis horteis siti sunt / h(oc) m(onumentum) h(eredem)n(on) s(equetur) / in f(ron)te) p(edes) XXIII in a(gro) p(edes) XX</i>	CIL II 6031
13604	16x16	<i>C. Emeritensis</i>	<i>l(ocus) p(edum) XVI</i>	Abascal e Gimeno, Epigrafía hispánica, 2000, 78-79, nº 48.
13798	40x36	<i>C. Carthaginiensis</i>	<i>In f(ron)te) p(edes) XL / in ag(ro) p(edes) XXXVI</i>	HEp 5, 1995, 391
13799	35x35	<i>C. Carthaginiensis</i>	<i>In f(ron)te) p(edes) XXXV / in a(gro) p(edes) XXXV</i>	CILA III, 170
13800	20x28	<i>C. Carthaginiensis</i>	<i>In fronte / l(ocus) p(edum) XX in a/gro p(edes) XXVIII</i>	CILA III, 171
15007	9	<i>C. Carthaginiensis</i>	<i>i(n) f(ron)te) p(edes) l(atum) IX</i>	HEp 2, 1990, 57
16241	22	<i>C. Tarraconensis</i>	<i>P(edes) XXII</i>	HEp 6, 1996, 693f
16775	12x8	<i>C. Emeritensis</i>	<i>in f(ron)te) p(edes) XII in agr(o) / p(edes) VIII</i>	CIL II 545
16779	10x9	<i>C. Emeritensis</i>	<i>in fronte p(edes) X / in agr(o) p(edes) IX</i>	CIL II 549
16804	11x7	<i>C. Emeritensis</i>	<i>in fron(te) p(edes) XI / in agr(o) p(edes) VII</i>	CIL II 574
18766	9x[...]	<i>C. Asturum</i>	<i>i[n fronte?) / p(edes) VIII a[gro?]</i>	AE 1928, 173
20943	30x20	<i>C. Scallabitanus</i>	<i>in fronte p(edes) XXX / in agro p(edes) XX</i>	CIL II 216
21523	12	<i>C. Emeritensis</i>	<i>in f[r]on(te) [p(edes)] XII</i>	HEp 1, 1989, 100
21549	12x8	<i>C. Emeritensis</i>	<i>in [f]r(onte) XII / in agr(o) VIII</i>	CIL II 529
21570	12.5x12.5	<i>C. Emeritensis</i>	<i>in agr(o) p(edes) XII / in front(e) p(edes) XII s(emissem)</i>	CIL II 586
21588	4x[...]	<i>C. Emeritensis</i>	<i>in [fron(te) p(edes)] IV / [in] agro p(edes) [- -]</i>	CIL II 604
21595	12x12	<i>C. Emeritensis</i>	<i>l(ocus) · p(edes) · XII</i>	HEp 8, 1998, 20
21599	12x12	<i>C. Emeritensis</i>	<i>l(ocus) p(edum) XII</i>	HEp 8, 1998, 17
23216	[...]	<i>C. Emeritensis</i>	<i>in · f(ron)te) · p(edes) [- - - in] / a(gro) · p(edes) [- -]</i>	HEp 6, 1996, 74
23218	12x[...]	<i>C. Emeritensis</i>	<i>[- - -] p(edes) · XII / [- - - - -]</i>	HEp 6, 1996, 76
23252	12x8	<i>C. Emeritensis</i>	<i>in a(gro) p(edes) / IIX in f(ron)te) p(edes) / XII</i>	HEp 6, 1996, 111
23254	10	<i>C. Emeritensis</i>	<i>in a(gro) p(edes) X</i>	HEp 6, 1996, 113

23255	12x9	<i>C. Emeritensis</i>	<i>in f(ron)te p(edes) XII / in a(gro) p(edes) IX</i>	HEp 6, 1996, 114
23257	12x8	<i>C. Emeritensis</i>	<i>in f(ron)te p(edes) XII / in ag(ro) p(edes) IIX</i>	HEp 6, 1996, 116
23261	12x10	<i>C. Emeritensis</i>	<i>in / [f]r(onte) p(edes) XII in agr(o) / p(edes) X</i>	HEp 15, 2006, 27
23262	18x16	<i>C. Emeritensis</i>	<i>In fron/t(e) p(edes) XVIII in / agro p(edes) XVI</i>	HEp 6, 1996, 121
23263	12x7	<i>C. Emeritensis</i>	<i>In fro(n)te p(edes) XII / in agr(o) p(edes) VII</i>	HEp 6, 1996, 122
23265	1[2]x8	<i>C. Emeritensis</i>	<i>[in fr(onte)] p(edes) X[III] / in · agr(o) · p(edes) · IIX</i>	HEp 15, 2006, 39
23952	12	<i>C. Emeritensis</i>	<i>[I]n f(ron)te p(edes) XII</i>	HEp 9, 1999, 98
24649	12x8	<i>C. Emeritensis</i>	<i>in · f(ron)te · p(edes) · XII · in · ag(ro) / p(edes) · VIII</i>	BRAH 31,1897,395,nº7
24650	7x10	<i>C. Emeritensis</i>	<i>secundo · pariete · p(edes) · VII · in · a(gro) · p(edes) · X</i>	BRAH 31,1897,395,nº8
25038	14x16	<i>C. Gaditanus</i>	<i>L(ocus) fun(er)alis (habet) in fronte itineris p(edes) XIII, (in latere) agri p(edes) XVI</i>	HEp 14, 2005, 118
25553	12x9	<i>C. Emeritensis</i>	<i>in agr(o) p(edes) VIII in fr(onte) p(edes) XII</i>	ERAE 141
25613	12x[...]	<i>C. Emeritensis</i>	<i>in · f(ron)te · p(edes) · XII · in ag(ro) p(edes) / [-----]</i>	HEp 15, 2006, 14
25616	(?)x[...]	<i>C. Emeritensis</i>	<i>in · f(ron)te · p(edes) · XII / in · a(gro) [p(edes) --]</i>	HEp 15, 2006, 17
25672	12x8	<i>C. Emeritensis</i>	<i>in fro(n)te · p(edes) · XII / in agr(o) · p(edes) · IIX</i>	HEp 15, 2006, 28
25909	[...]	<i>C. Hispalensis</i>	<i>i]n fronte [p(edes) --- / --- in a]gro · [p(edes) --]</i>	HEp 14, 2005, 330
25930	[...]	<i>C. Emeritensis</i>	<i>[i]n [fr(onte) p(edes) ... / in agr(o) p(edes) ...]</i>	HEp 15, 2006, 31
25945	1[4?]x8(?)	<i>C. Emeritensis</i>	<i>[i]n ag(ro) · p(edes) · VI[II?] / i]n · fr(onte) · p(edes) · XII[II?]</i>	HEp 15, 2006, 44
26020	12x10	<i>C. Astigitanus</i>	<i>in fr(onte) · p(edes) · XII · in · a(gro) · p(edes) / X</i>	HEp 15, 2006, 318
26185	15	<i>C. Carthaginiensis</i>	<i>In a(gro) p(edes) / XV</i>	HEp 17, 2008, 61
26186	17.5	<i>C. Carthaginiensis</i>	<i>In f(ron)te p(edes) / XVII s(em)is</i>	HEp 17, 2008, 62
26440	20x20	<i>C. Astigitanus</i>	<i>Q(uo)q(uo)v(ersus) p(edes) XX</i>	HEp 18, 2009, 118
26507	24x[...]	<i>C. Cordubensis</i>	<i>lon(gum) p(edes) XXIII / [</i>	HEp 18, 2009, 170
26897	[12x10]	<i>C. Emeritensis</i>	<i>in [f(ron)te] p(edes) XII in a(gro) p(edes) X]</i>	HEp 19, 2010, 53
27946	26x15	<i>C. Astigitanus</i>	<i>in [fr(onte)] p(edes) XXVI / in [agr(o)] p(edes) XV</i>	FE 122 (2014): 519

TABELA I – Corpus Inscriptionum hispânico com a indicatio pedatura, proveniência, formulário e bibliografia abreviada.

ANEXO B - GRÁFICOS

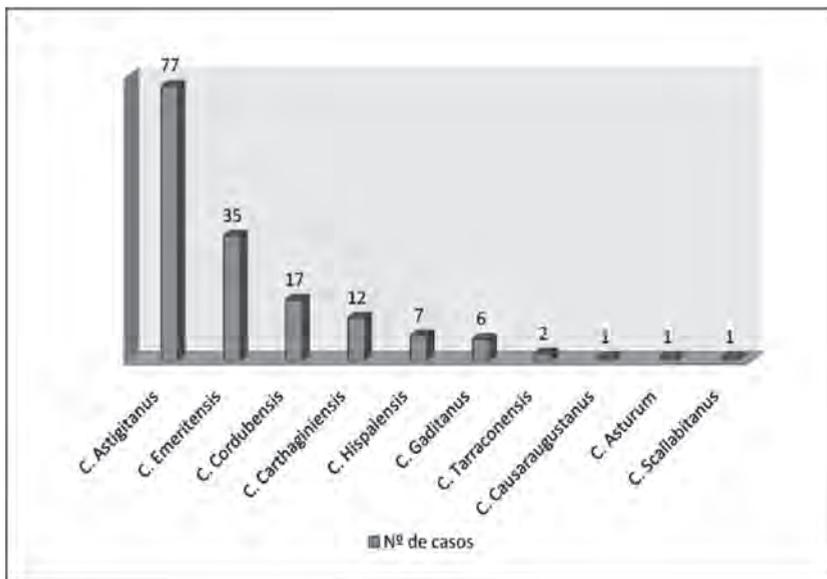


GRÁFICO 1 – Distribuição geográfica do número de casos hispânicos com a indicação da pedatura.

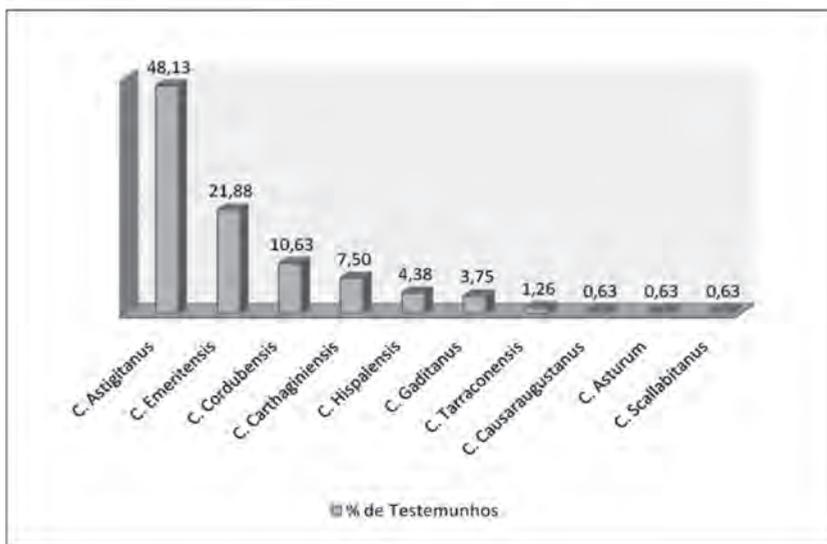


GRÁFICO 2 – Distribuição percentual de testemunhos hispânicos que referem a pedatura.



GRÁFICO 3 – Relação percentual das superfícies dos recintos funerários hispânicos refletidas nos termini sepulcrorum estudados.

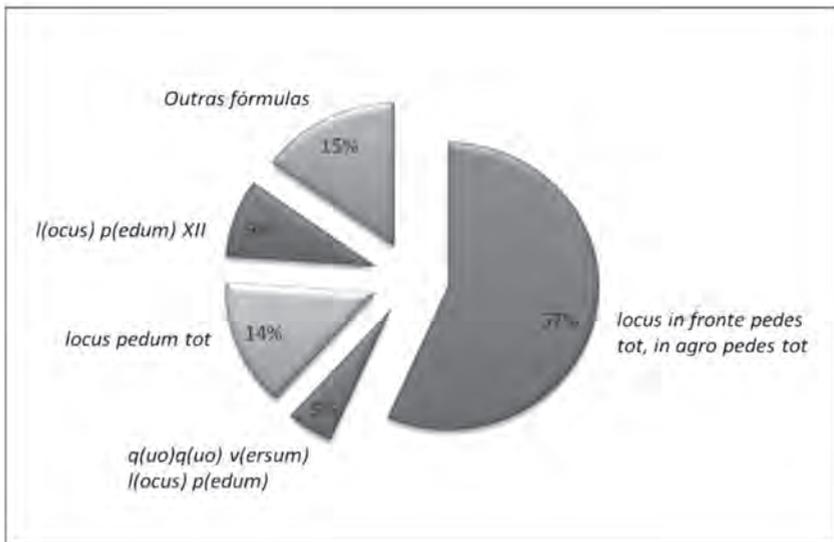


GRÁFICO 4 – Relação percentual das fórmulas empregues na indicatio pedaturae dos termini hispânicos.